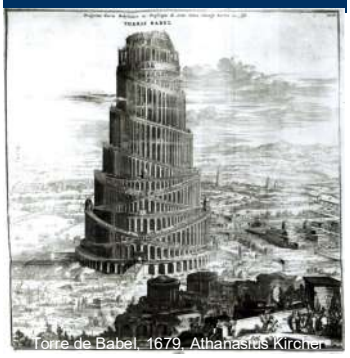
Número 22
junho de 2025

Revista de Línguas
Publicação Plurilingue

Departamento Curricular de Línguas

BABEL

escola gil vicente | agrupamento de escolas gil vicente


Torre de Babel. 1679. Athanasius Kircher

SUMÁRIO

Editorial 1

Textos em Português: 2
Textos narrativos
Carta
Textos poéticos
Apreciações críticas e relatórios
Textos de opinião
Texto expositivo

Textos em Francês: 21
Je me presente
Ma meilleure amie
Ma famille
C'est mon anniversaire !
Mais que font les objets pendant le cours de Français ?

Concurso Literário *Fazedores de Histórias* 23

EDITORIAL

Ler, escrever, pensar: o poder da palavra

Para que servem as palavras?

Num tempo dominado pelas imagens, pela rapidez da comunicação, pela brevidade e superficialidade, é importante recordar a importância das palavras.

As palavras estruturam o nosso pensamento, os nossos sonhos, os nossos medos e anseios. É através das palavras que conseguimos pensar sobre nós e os outros. As palavras permitem-nos comunicar o que sentimos e compreender o que os outros sentem.

A essência do pensamento reside, afinal, nas palavras.

Num mundo global e cada vez mais interligado, a capacidade de comunicar em várias línguas assume um valor inestimável. Aprender outras línguas é muito mais do que adquirir vocabulário: é aceder a novas formas de pensar, de sentir e de ver o mundo. Comunicar em diferentes idiomas é um ato de abertura, de inclusão e de respeito pela diversidade. É, também, uma ferramenta essencial para a integração plena de todos numa sociedade plural, onde cada voz pode ser ouvida e valorizada.

A leitura ocupa um lugar privilegiado nesse universo da palavra. Ler é muito mais do que decifrar sinais gráficos — é mergulhar em mundos novos, é construir sentidos, é questionar o que parece óbvio. Através da leitura, apreendemos realidades distantes, compreendemos melhor as emoções humanas, desenvolvemos o espírito crítico e enriquecemos o nosso vocabulário e imaginação. Ler ajuda-nos a conhecer o mundo, mas também a conhecermo-nos melhor a nós próprios.

A escrita, por sua vez, é uma forma elevada de expressão do pensamento. Quando escrevemos, organizamos as nossas ideias, refletimos sobre o que pensamos e sentimos, damos forma e consistência ao nosso interior. Escrever é um exercício de liberdade e de criatividade. É um modo de deixar rasto, de dialogar com os outros e com o tempo. É, acima de tudo, uma forma de dar sentido à experiência humana.

Num tempo em que a palavra corre o risco de se diluir no ruído das redes e da velocidade, importa recuperar o seu valor profundo.

Ler, escrever e pensar continuam a ser atos de resistência e de construção. Porque é através da palavra que construímos pontes, derrubamos muros e fazemos do mundo um lugar mais humano.

Carla Jorge Alves

Coordenadora do Departamento de Línguas

TEXTOS NARRATIVOS

O chapéu com vista para a Atlântida

Era uma vez uma rapariga que foi à praia com o pai. Brincaram na água, fizeram castelos na areia, divertiram-se. Até que chegou a hora de se irem embora.

Quando estavam a entrar no carro, lembraram-se do chapéu de sol, vermelho, com riscas brancas, que tinha ficado na praia. A menina voltou a correr para o areal e, assim que avistou o lugar onde tinha ficado com o pai, viu que o chapéu voara e que boiava agora no mar, tristonho. A menina e o pai, que a ela se reunira, lembraram-se que podiam alugar uma *gaivota* e pedalar até ao chapéu.

Ao aproximarem-se do chapéu, a menina viu uma sombra na água. Quando estavam mais perto, ela e o pai viram uma espécie de algas que pareciam cabelos verdes. E eram mesmo. Por detrás do chapéu, viram sair uma sereia linda, de olhos claros como o mar e de cabelos longos e encaracolados. Mal conseguiam acreditar no que os seus olhos viam.

A sereia disse-lhes que os ia levar a um sítio mágico, e, num piscar de olhos, estavam numa cidade submersa.

- Apresento-vos a Atlântida - disse a sereia.
- Não acredito – disseram o pai e a filha em uníssono.
- Acreditem, esta é a minha casa.

Como estava a ficar tarde, a sereia levou-os de volta à praia. Correram para casa, para contar à mãe o que tinham vivido, e o pai, que era historiador, passou o resto das férias a escrever um livro sobre a Atlântida.

O livro foi editado alguns meses depois, mas ninguém acreditou no que lá estava escrito. «Não era possível», pensavam as pessoas. Mas para o pai, para a filha e para a mãe, isso não importava. Bastava que eles acreditassem para a história ser verdadeira.

Laura Esteves, 7.º 1.ª
[Supervisão: Maria João Queiroga]

CONTOS DE NATAL

É Natal!

Era véspera de Natal. A noite estava chuvosa e fria, como era típico nesta altura do ano. Numa pequena casa numa aldeia do Norte de Portugal, Maria e o seu avô estavam tranquilamente sentados no sofá da sala aquecida pelo fogo que saía da lareira.

Quando os sinos da igreja anunciaram que já era meia noite, Maria recebeu das mãos do avô tinha uma caixa embrulhada em papel brilhante e decorada com um laço vermelho. Ao abrir, encontrou uma boneca de madeira pintada à mão, com um sorriso delicado e uns olhos azuis, lindos e bastante expressivos. O avô, com um olhar carinhoso, explicou:

— Fiz esta boneca quando tinha a tua idade. Ela sempre deu sorte à nossa família.

Maria ficou tão feliz que apertou a boneca contra o peito. O som da chuva lá fora tornava o momento ainda mais especial para a menina.

Naquela noite, enquanto partilhavam histórias e chocolate quente, Maria percebeu que o melhor presente não era a boneca, mas o tempo que passava com o avô e as memórias preciosas que poderia guardar para sempre.

André Tavares, n.º 1, 9.º 1:ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

A árvore das memórias

Num dia que parecia não ter fim, chuvoso e frio, o Pedro e a Teresa conheceram-se. Era a primeira vez que o Pedro estava naquela cidade. Por um lado, sentia-se bem por ter saído da sua pequena vila e começado uma nova vida, mas também se sentia muito sozinho. A Teresa tinha crescido naquela cidade e sempre viveu lá. Nesse dia, Pedro sentia-se especialmente sozinho, por isso decidiu passear numa feira de Natal. Vagueou pela feira até ter avistado a Teresa, olhando para ela como quem olha para o mar pela primeira vez. Lá estava ela, na sua banca de sabonetes artesanais com uma amiga. Decidiu ir ter com ela, conversaram o resto da tarde e, a partir desse dia, tornaram-se inseparáveis.

Um ano depois, compraram uma casa e foram viver juntos. Na época do Natal, compraram um pinheiro verde, alto e farfalhudo que ambos achavam perfeito. O que eles não sabiam era que aquele pinheiro era mágico: ele guardava uma das melhores memórias da família durante o ano. Nesse Natal, eles ficaram noivos e na árvore, durante a noite, formou-se uma bola com uma imagem da feira de Natal onde se tinham conhecido.

No Natal seguinte, Pedro ofereceu um gato pequeno, peludo e laranja-claro a Teresa, o que a deixou maravilhada e felicíssima. Na árvore formou-se uma bola com uma imagem de Teresa a abraçar o seu novo amigo, Caramelo.

Passado um ano, a árvore voltou a formar uma nova bola, desta vez com uma imagem, na praia, de uma viagem que Teresa e Pedro tinham feito no verão com a sua primeira filha, Emma. Naquela imagem estavam todos dentro do mar cristalino, a sorrir. Este foi o primeiro Natal de Emma.

Dois anos depois, uma nova bola com uma imagem de Caramelo, Emma e o novo irmão, Benjamim, foi formada pela árvore. Nessa imagem, Emma e Benjamim estavam a dormir abraçados e enrolados numa manta com Caramelo enroscado em cima deles, no sofá à lareira numa casa onde a família tinha ido passar férias uma semana antes do Natal.

Mais dois anos se passaram e uma bola com uma imagem de Emma e Benjamim a tratarem da nova irmã, Sofia, com todo o cuidado, tinha sido formada. Naquela imagem, Sofia era uma bebé de três meses, por isso, os irmãos trataram-na como se ela fosse de porce-

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

lana e ainda a vestiram como anjo, porque o Natal estava próximo. Cinco anos depois, a imagem da bola era linda, pois nela havia uma família a brincar, divertida, animada e feliz, na neve durante umas férias. Naquela imagem todos tinham vestido camisolas vermelhas e verdes de lã, muito quentes e fofas, que diziam «Merry Xmas!» e até Caramelo tinha uma capinha de lã a combinar com as camisolas. Esse foi o último Natal que esta família passou naquela casa.

Com os anos a passarem, Teresa e Pedro estavam cada vez mais felizes, sentiam que os filhos tinham tornado as suas vidas mais brilhantes. A cada ano, a árvore formava uma bola diferente e eles sentiam que isso tornava o seu Natal mais mágico e bonito. No entanto, a casa tornou-se pequena para todos e Teresa e Pedro decidiram que a família precisava de mudar de casa. Por isso, compraram uma nova, mais espaçosa e com um pequeno jardim, onde as crianças e Caramelo podiam brincar. Tudo parecia perfeito, a casa era linda e a família estava muito contente e feliz com a mudança Contudo, quando, na época natalícia, foram montar a árvore, que com a mudança tinha ficado numa caixa – nos anos anteriores era deixada, sem decorações no seu vaso e regada pela família – ficaram tristíssimos, porque o seu pinheiro, o primeiro da família, verde, alto e farfalhudo com todas as suas recordações especiais, desde a entrada de Caramelo na família até às férias na neve, tinha secado devido à falta de água durante o ano. Quando o tiraram da caixa para o cortarem e, de seguida, queimarem na lareira, repararam que este tinha deixado uma última memória: uma imagem de Teresa e Pedro no seu primeiro Natal, mais felizes do que nunca e ansiosos com o começo da sua história, da sua aventura, imaginando como seria a sua vida dali para diante. Com aquela bola, Teresa e Pedro recordaram os melhores momentos da sua vida juntos e guardaram-na para sempre com as outras memórias no coração.

Clara Santos, n.º 2, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

Um Natal surpreendente

Este Natal já começava diferente. Tive a grande ideia de levar a minha tia-bisavó (embora todos lhe chamem só "tia") Andrelina a passar connosco a noite da Consoada! Estávamos todos muito contentes por ter a companhia dela num dia tão especial. Como a Andrelina precisava de ajuda para cá chegar, não nos podemos esquecer que, apesar da sua energia já conta 89 anos, fui de comboio até Olhão. Fiz esta viagem sozinha, pela primeira vez. 4h00 entre as páginas do meu livro e a música que anda sempre comigo. Posso dizer que o tempo passou bastante rápido. Na realidade, gosto de andar de comboio, porque é diferente dos transportes em que ando normalmente. Gosto de ver a paisagem, a mudança de lugar para lugar ao ritmo do comboio.

Chegada à estação de Olhão, caminhei com emoção em direção à casa da minha tia. Fiz a mãozinha, que serve de campainha, bater várias vezes contra a placa de metal fixa na porta antiga. Adorei ver a reação muito feliz dela, com o seu sorriso muito querido, tínhamos muitas saudades! Estava atarefada, a organizar as suas coisas e sobretudo preocupada em guardar cuidadosamente o seu bolinho mármore (aquele de que várias gerações guardam boas memórias) para que chegasse inteiro a Lisboa. Ela resolveu trazer um peixe-letão com ela! É um peixe que é seco ao sol e com o qual se faz um guisado no Natal, é uma tradição olhanense. No meio desta confusão ainda arranjou tempo para perguntar:

- Queres um geladinho? A tia tem ali muitos, como sabia que vinhas...

Quando vamos a casa dela, tem sempre gelados para nos dar, porque sabe que todos gostamos, pouco importando a estação do ano.

Saímos de casa e fomos novamente até estação para apanhar o comboio, desta vez para Lisboa. Ainda tivemos de esperar algum tempo, mas foi tempo gasto nas nossas conversas que nunca acabam. Durante a viagem, a minha tia ia lendo a sua revista e eu voltei à minha música. Quando chegámos, já tínhamos gente à nossa espera para irmos todos para a casa de outra tia, onde passamos o Natal desde sempre.

Fomos arranjar-nos – os cabelos das senhoras de Olhão têm sempre de estar muito arranjadinhos – e esse foi o tempo que chegou para que os outros tantos familiares se juntassem a nós. É sempre um momento em que aproveitamos o facto de estarmos todos juntos! A meia noite aproximou-se e nesta noite ninguém sabia quem seria o Pai Natal, cada um empurrava a tarefa para os outros, ninguém queria pôr as barbas brancas e as sobrancelhas de algodão, o roupão vermelho, ensaiando outras vozes para ninguém perceber de quem se trata...

Estávamos nisto quando, subitamente, nos bate à porta a figura que este ano ninguém queria ser…

Constança Bento, n.º3, 9.º1ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

Fez-se Natal!

Numa pequena vila, coberta de neve e onde as luzes de Natal brilhavam como estrelas no céu noturno, as casas estavam enfeitadas e o cheiro a biscoitos de gengibre pairava nas ruas. No centro da vila erguia-se uma árvore de Natal que todos os anos chamava a atenção, tanto das crianças como dos adultos, para celebrarem a magia do Natal. Entre estes estava um jovem chamado Miguel, com 15 anos de idade, que queria que aquele fosse o Natal mais especial de todos. No entanto, ele guardava um segredo…

Naquela pequena vila toda a gente era diferente, mas eram felizes e acima de tudo respeitavam-se uns aos outros. Havia uma pessoa em particular que punha sempre tudo e todos como sua prioridade. Essa pessoa era a avó do Miguel, muito querida por todos e fazia sempre o possível para ver toda a gente feliz. Mas, mesmo que houvesse muita felicidade e respeito na vila, a família do Miguel não era perfeita…

Há muitos anos, por esta altura do ano e quando Miguel era ainda uma criança, o seu tio e o seu avô envolveram-se numa horrível discussão. Nessa noite disseram-se coisas sem sentido e que não eram verdade e tudo acabou com a promessa de que nunca se voltariam a falar. A avó tomou o lado do filho pois, mesmo que amasse o seu marido, ela sabia que ele não tinha razão. Com a decisão dela, o avô deixou de lhe falar por sentir pouco apoio da sua parte e por não compreender o porquê da sua escolha. Desde esse dia, a avó nunca mais foi a mesma, pois acabara de perder o amor da vida dela.

Muitos anos se passaram e a avó usava a sua forma de ser para esconder a sua tristeza. Miguel sabia de toda a tristeza da avó e o quanto lhe custava não ter o seu marido presente. Por isso, um dia decidiu contactá-lo. Escreveu-lhe muitas cartas, pedindo-lhe que voltasse, mas só passados vários meses é que obteve resposta. O avô disse-lhe que tinha muitas saudades da família, mas tinha receio de não ser bem recebido. Miguel decidiu marcar um encontro com o tio e com o avô para esclarecer a situação.

Chegado o dia do tão esperado acontecimento, Miguel estava muito nervoso. Quando lá chegou, o tio e o avô sentados a uma mesa, em silêncio. Provavelmente, o avô estaria a pensar em como se desculpar, já que este conflito durava há tantos anos. Miguel aproximou-se e sentou se na mesma mesa, sem perceber o porquê de tanto silêncio decidiu quebrar o gelo ao perguntar a razão pela qual tinha começado tal discussão, o tio mostrou-se desconfortável, o avô rapidamente tentou explicar que o que tinha dito era mentira e tinha sido dito no calor do momento, também deixou bem claro que apoiava o filho em tudo, e que mesmo depois de tantos anos não houvera um único dia em que não pensasse em voltar a casa. Passaram-se largas horas até conseguirem convencer o tio a que perdoar o pai. Miguel contou a história da avó e de como ela tinha ficado destroçada quando o avô se foi e este, de lágrimas nos olhos, implorou ao neto que o ajudasse a voltar para a mulher. Assim, os três combinaram um plano um plano para surpreender a avó.

Com o aproximar do Natal, Miguel andava cada vez mais entusiasmado e, quando chegou a véspera do tão esperado dia, o rapaz nem conseguia estar quieto por saber o quão contente a sua avó ia ficar nessa noite. As horas pareciam ser eternas, tudo passava muito lentamente. Quando a campainha soou, o coração do Miguel acelerou tanto que parecia que ia saltar do peito. A avó pediu-lhe para ir abrir a porta, mas ele, mentindo-lhe, disse que estava muito ocupado. A avó interrompeu o que estava a fazer e foi abrir a porta, não querendo acreditar no que estava a ver. Com os olhos cheios de lágrimas, aproximou-se do marido e deu-lhe um abraço tão forte que parecia que nunca mais o ia largar. A avó nem queria acreditar, tudo voltara a ser como antes e desta vez iam ficar felizes para sempre.

Frederico Rodrigues, n.º 8 e Mafalda Gouveia, n.º 15, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

O inesperado Natal do Miguel

Esta é a história do Miguel, um rapaz simples e amigo dos seus pais e do seu irmão. O Miguel vivia numa pequena aldeia, mesmo no meio da serra, onde os flocos de neve caíam como se fosse algodão. Ele morava numa, com os seus pais e o seu irmão mais novo, Jorge, numa casa de madeira que, embora pobre, era limpa e confortável. O Natal estava a chegar, mas este ano, algo parecia diferente. A casa estava um pouco mais vazia, os pais estavam mais calados, e o espírito natalício parecia ter-se afastado.

Miguel lembrava-se dos natais antigos, quando a casa estava cheia de risos e de presentes, quando a árvore brilhava com mil luzes e a mesa estava sempre farta. Mas este ano, as coisas estavam difíceis. O pai do Miguel tinha sido recentemente despedido da fábrica onde trabalhava e a família estava a passar por um momento complicado e com pouco dinheiro.

Era véspera de Natal e o Miguel pôs-se a olhar para a rua coberta de neve através da janela do seu quarto, pensando que este seria o Natal mais triste de sempre. De repente, ouviu um som vindo da rua. Olhou mais de perto e viu um grupo de crianças a brincar com bolas de neve e a rir. Algumas delas eram mais novas do que ele, mas ainda assim estavam cheias de energia e alegria. Miguel sentiu uma grande nostalgia, pois tinha saudades de brincar com os seus amigos na rua, tal como estava aquele grupo de crianças a fazer. Aquelas risadas, aquelas brincadeiras... já não as sentia há algum tempo. Talvez fosse hora de tentar reviver um pouco da magia do Natal, mesmo que fosse de forma simples.

Ele desceu as escadas e foi até ao porão onde guardavam as decorações de Natal. Ali, no meio de caixas e coisas antigas, encontrou uma estrela dourada, que costumava enfeitar o topo da árvore, e algumas luzes coloridas. Decidiu montar a árvore de Natal, mesmo sem saber se o resultado seria tão bonito como antigamente. Porém, queria tentar e sentir toda a alegria novamente.

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

Quando os pais e o irmão chegaram do mercado com as poucas compras que tinham feito para a ceia de Natal, ficaram surpreendidos ao ver que a árvore de Natal tinha sido montada e as luzes estavam a brilhar na sala. O Jorge correu para a árvore, a pular e com um sorriso de orelha a orelha.

— Miguel! Fizeste isso? — perguntou ele, com os olhos a brilhar de felicidade e entusiasmo.

Ele sorriu, mas disse que não era nada de especial. Porém, dentro dele, sentia uma sensação incrível. Como se, mesmo no meio das dificuldades, ainda houvesse algo a celebrar e que lhes trouxesse o espírito natalício.

Naquela noite, a família sentou-se junta, comeram as bolachas de Natal que a mãe tinha feito e cantaram alegremente músicas de Natal. Não tinham dinheiro para grandes presentes, mas havia algo muito mais importante: a união e o amor que sentiam uns pelos outros. No final, Miguel percebeu que o verdadeiro espírito natalício não estava nas coisas materiais, mas no amor, na união e na esperança de que, por mais complicadas que as coisas estivessem, o mais importante era estarem juntos, pois assim haveria sempre algo pelo qual valesse a pena sorrir.

E assim, aquele Natal, sem grandes festas ou presentes, tornou-se o mais especial de todos. Porque, no fundo, o que realmente importava era estarem juntos em família.

João Calçada, n.º 9, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

O Último Presente

Numa cidade onde o Natal sempre foi celebrado com grande pompa, um homem chamado Rafael vivia de maneira solitária. Ele era o dono de uma loja de brinquedos, uma pequena loja que, embora cheia de cores e risos infantis durante o dia, estava vazia e silenciosa ao cair da noite. A loja estava decorada com enfeites tradicionais, mas Rafael já não sentia o entusiasmo da época. O brilho das luzes e o som dos sinos não o tocavam. Para ele, o Natal era apenas um acontecimento do calendário, algo que todos pareciam esperar, mas que ele não conseguia entender.

Na véspera de Natal, quando o último cliente saiu e as portas da loja se fecharam, Rafael ficou sozinho no seu escritório, a olhar para os relógios nas paredes. Ele sentia-se distante, como se o Natal fosse um fardo pesado que todos insistiam em carregar. Não tinha filhos, não tinha amigos próximos, e a sua única companhia era o som do vento que soprava pelas frestas da janela. Enquanto ele mexia distraído em alguns papéis, algo chamou a sua atenção: uma carta dobrada cuidadosamente sobre a mesa, com a tinta desbotada e o selo quase apagado. Rafael abriu-a, curioso, e leu o que estava escrito: "Para o Sr. Rafael, dono da loja de brinquedos: Este é o último Natal da cidade. Não há mais crianças, não há mais risos. O Natal vai deixar de existir. Quero que o senhor saiba disso, pois a sua loja será a última a fechar. A magia acabou."

A carta não tinha assinatura, mas as suas palavras atingiram-no como um raio. Ele levantou-se da cadeira, caminhou até à montra da sua loja e olhou para os brinquedos alinhados nas prateleiras, os mesmos brinquedos que ele vendera durante anos. As figuras de soldadinhos de chumbo, as bonecas de porcelana, os carrinhos de madeira — tudo estava ali, intocado, à espera de algo que nunca viria. A verdade era que Rafael sabia que algo estava errado na cidade. Nos últimos anos, as vendas tinham caído, as ruas estavam cada vez mais silenciosas e as casas, antes cheias de riso, agora estavam mergulhadas em silêncio…

João Pamplona, n.º 10, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

Um Natal inesquecível!

Era a véspera de Natal. As luzes piscavam pelas ruas cheias de neve e , em minha casa, eu e a minha avó estávamos a decorar a árvore de Natal que foi comprada no IKEA. A minha avó ajudava-me a pendurar as bolas e as fitas, enquanto contava histórias do Natal do tempo dela, nos tempos em que os presentes eram feitos à mão e a felicidade só vinha com o convívio. A certa altura, fazendo um enorme sorriso, ela diz:

— Sabes, Leonor, quando eu era pequena, o Natal era mais simples. Fazíamos os presentes à mão, com o que tínhamos em casa. Mas o que nos importava não eram os presentes, mas sim estarmos juntos.

Aquelas palavras deram-me uma brilhante ideia: escrever cartas para cada pessoa da minha família, a agradecer por tudo o que já fizeram por mim. Já que eu não tinha muito dinheiro para comprar presentes, mas queria fazer algo de que todos se lembrassem, decidi escrever cartas. Eu passei a tarde toda a escrever, a colocar em cada carta tudo o que sentia e as memórias mais nostálgicas.

Na noite de Natal, depois do jantar, entreguei as cartas. Ao entregá-las, vi os sorrisos mais brilhantes e as lágrimas mais sinceras. Vi a alegria estampada nos rostos dos meus pais, da minha avó e do meu irmão. A minha mãe chorou ao ler a sua carta e o meu pai e a minha avó deram-me um abraço tão apertado que quase me faltou o ar. Até o meu irmão, que raramente mostra emoções, sorriu ao terminar de ler a dele, com os olhos a brilharem. Depois de a minha avó ter lido a sua carta e de me ter abraçado, disse:

— Tu não imaginas como esta noite vai ficar para sempre no meu coração.

Foi nesse momento que percebi que o Natal não era sobre os presentes ou as decorações, mas sobre o amor e a gratidão que partilhamos uns com os outros.

E, naquele Natal, aprendi que às vezes as coisas mais simples podem ser as mais marcantes, como o carinho, a felicidade, o amor e a gratidão que damos e recebemos.

Leonor Sousa, n.º 13, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

O sonho do Pai Natal

Certa noite, enquanto dormia, o Pai Natal teve um sonho tão lindo que lhe parecia real.

Era véspera de natal e todas as pessoas andavam felizes, alegres e em paz, mas numa grande azáfama a fazerem as últimas compras para o Natal. Não havia pessoas a dormir na rua e não havia fome nem guerras. Todos eram amigos, pairava no ar uma sensação de amor e de carinho entre as pessoas. Quem caminhava nas ruas em direção às suas casas, cantarolava músicas natalícias, felizes por levarem presentes que colocariam debaixo da sua árvore. O velho barbudo, vestido de vermelho e com um saco das prendas às costas, estava feliz por ver as pessoas contentes. Contudo, quando acordou, percebeu, para a sua grande tristeza, que tudo não tinha passado de um sonho, pois só algumas pessoas tinham presentes, paz e um lar para ficar. Então, o Pai Natal decidiu que este ano daria às crianças o presente mais importante que se pode dar: o AMOR. E assim fez!

Todas as crianças ficaram muito felizes, havendo a promessa desse presente ser para o ano inteiro e, não só para uma noite, já que o amor é um sentimento que se deve ter durante todos os dias do ano e não apenas nesta época.

Martim Santos, n.º 18, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

Ernesto, o Pai Natal

Ernesto olhou para o relógio e verificou que só faltavam cinco minutos.

— Ho, ho, ho! — exclamou Ernesto, cansado, mas com um enorme sorriso estampado no rosto.

Alguns segundos depois, a criança que se sentou no seu colo, olhou-o nos olhos e disse:

— Eu sei que não és o Pai Natal. Eu sei que estás a fingir. Eu sou o João. E tu, como te chamas?

— Ernesto, com uma expressão confusa e sem saber muito bem o que fazer, balbuciou:

— Eu sou o Ernesto. Diz-me, o que te traz aqui?

— Nada de especial. — respondeu o João. Os meus pais não sabem que eu não acredito no Pai Natal e eu não quer desapontá-los. Por isso, finjo.

Ernesto estava prestes a dizer algo à criança, quando ouviu uma voz:

— Põe-te a andar! É a minha vez de brilhar! — disse, sarcasticamente, um homem que aparentava ter cinquenta anos e que o vinha substituir na função de Pai Natal.

Ernesto olhou em volta à procura da criança que tinha saltado do seu colo, mas não o encontrou. Provavelmente, já se tinha ido embora com os pais. Levantou-se da cadeira e, cabisbaixo, caminhou, pé ante pé, até à porta de saída. Não tinha tirado o fato, mas, apesar de se sentir um pouco desconfortável, estava quentinho. Na rua estava um frio de rachar e ele não tinha para onde ir.

Ernesto resolveu caminhar, sem rumo. Foi andando, sem saber se era ao sabor do vento ou da fome. Ia passando pelos restaurantes ainda abertos, que não eram muitos. E agora? Refugiou-se à entrada de um deles, para ir sentindo o cheirinho da comida. Meteu a mão no bolso e chocalhou as poucas moedas que lhe sobravam. Ainda tinha três cigarro. Sentou-se no chão e acendeu um. Pelo menos o fato era quentinho. Servia de roupa e também de cama, bastava encontrar um cantinho. Olhou para trás e reparou num local onde poderia descansar umas horas. Levantou-se e, enquanto se arrastava até lá, ouviu uma voz:

— Pai Natal!

Olhou e viu que era João, o rapazinho que se tinha sentado no seu colo. Ao lado dele, estavam os pais, de olhos arregalados.

— Olá, João! Não me lembro onde deixei o trenó… estou aqui a descansar e a tentar descobrir onde o estacionei. Ou então as renas foram distribuir os presentes sem mim — disse, piscando o olho ao garoto.

— Queres vir jantar a nossa casa? — perguntou o João? Pode, não pode, pai?

Sem esperar resposta, a criança pegou na mão do Ernesto e acrescentou:

— A nossa casa é já ali!

E assim Ernesto não passou a noite da consoada sozinho num qualquer canto da cidade. Ao invés, teve direito a boa comida e a boa companhia.

Xavier Cardoso, n.º 24, 9.º 1.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

O melhor presente? Estar presente

Era véspera de Nata, o dia em que as famílias se juntam para celebrar. As casas estão iluminadas com luzes coloridas, as mesas estão repletas de comida deliciosa e as árvores de Natal decoradas com enfeites e rodeadas de presentes. Mas, naquela noite, algo de estranho aconteceu: o Pai Natal não foi a casa da Clara…

Clara era uma menina de 14 anos que vivia com a mãe e com a avó, já que o seu pai tinha partido para a guerra no início do ano e ainda não tinha voltado. Era uma menina sossegada e sempre pronto a ajudar os outros, daí que tivesse sido estranho não receber qualquer presente. A mãe e a avó estranharam o facto de o Pai Natal não ter aparecido, mas a Clara não estava preocupada, pois tinha a certeza de que o pedido que tinha feito ia ser concretizado.

— Portaste-te tão bem este ano e foste sempre simpática comigo e com os outros que, se os teus presentes não chegarem, eu dar-te-ei o que quiseres. — disse a avó.

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

Clara, com um sorriso, respondeu-lhe:

— Não se preocupe, avó. O meu presente vai chegar. Deve estar a demorar por causa do trânsito.

A avó ficou confusa com a resposta de Clara, e, alguns segundos depois, a campainha tocou. A mãe, ao abrir a porta, abriu a boca de espanto. Era o pai de Clara, que tinha regressado da guerra. Todos ficaram felizes: a avó chorou, a mãe ficou radiante por ver que o marido estava bem e Clara correu para a abraçar o pai, dizendo:

— Vê avó?! Eu disse que o meu presente ia chegar! O Pai Natal nunca falha.

E assim, já com a presença do pai, celebraram o Natal e a Clara recebeu o melhor presente possível.

Diogo Ferreira, n.º 5 e Júlia Bastos, n.º 9, 9.º 3.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

Um Desejo de Natal

Era uma vez uma menina chamada Margarida Era uma criança muito doce e simpática, mas um pouco reservada e introvertida, pois sentia-se excluída da sua turma. Todos os seus colegas tinham roupas e calçado de marca, iam sempre de carro para a escola, andavam sempre na moda. Margarida não tinha esses privilégios, já que a sua família era humilde e os seus pais estavam o dia todo fora de casa a trabalhar para terem dinheiro para suportar todas as despesas que tinham.

Certo dia, quando ia a pé para a escola, Margarida percebeu as aulas estavam quase a terminar antes das férias de Natal, pois já era dia 12 de dezembro. Assim, também já não faltava muito para a celebração do Natal.

Quando a professora Inês iniciou a aula, disse aos alunos que a atividade desse dia consistia em escrever uma carta ao Pai Natal. Nessa carta, as crianças teriam de contar os seus desejos e fazer os seus pedidos.

Quando as crianças já se encontravam de férias, a professora Inês e os outros professores da escola reuniram-se para abrir todas as cartas dos seus alunos. Quando a professora abriu a carta da Margarida, deparou com um único desejo: ter comida na mesa no dia de Natal. Ao ler aquilo, a professora ficou destroçada e sem saber o que fazer, porque queria ajudar de alguma forma a realizar o desejo da Margarida.

No dia seguinte, a professora, ainda sem saber o que fazer, contou o que se passava a outra professora. A professora Joana deu a ideia de que todos os professores fossem, no dia de Natal, a casa da Margarida realizar o seu desejo. A professora Inês achou uma ótima ideia e foi de imediato falar comos restantes colegas. Todos concordaram em ajudar a Inês a realizar o desejo comovente da Margarida.

E assim foi. No dia de Natal, todos levaram um pouco de comida a casa da Margarida e da família, que assim puderam ter um Natal mais feliz.

Leonor Carvalho, n.º 10, 9.º 3ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

A Vila Natal

Era uma vez um menino chamado Luís. Ele adorava o Natal e todos os anos tentava ficar acordado para ver o Pai Natal, mas nunca conseguia!

Certo dia, numa véspera de Natal, o Luís prometeu a si mesmo que ia conseguir ver e conhecer o Pai Natal. Ele criou um plano: esconder-se num armário da sala com imensa comida para não ter que sair de lá; pôr um sistema de alarme para que quando alguém entrasse na sala, ele soubesse e colocar uma câmara para poder gravar o Pai Natal. Depois de algumas horas dentro do armário, Luís já tinha adormecido. De repente o alarme começou a tocar e ele apercebeu-se de que estava alguém na sala. Abriu ligeiramente a porta do armário e... Finalmente tinha acontecido, o Luís tinha visto o Pai Natal com os seus próprios olhos! Ele ficou tão maravilhado e feliz que, por momentos, esqueceu-se de que se estava a esconder, saiu do armário e foi ter com o Pai Natal. Quando este o viu, perguntou-lhe porque estava acordado. O Luís respondeu estava a tentar vê-lo, já que sempre o adorou. O Pai Natal disse que não era suposto nenhuma criança o ver, mas já que o Luís o tinha visto, ele tinha direito a pedir um desejo. O rapaz ficou espantado, mas muito contente. Então disse que o seu desejo era conhecer a fábrica dos presentes onde os elfos trabalham.

E assim foi. Entraram os dois no trenó do Pai Natal e fizeram uma viagem até uma localidade, à qual o velhinho de barbas brancas chamou Vila Natal. Ainda assim, recusou-se a dar a localização exata ao Luís quando este o questionou. Quando chegaram à Vila Natal, a primeira coisa que o Luís viu foram uns pequenos homenzinhos com roupas verdes e vermelhas e com sapatos em bico, os elfos, a andar de um lado para o outro. Levavam consigo prendas, papéis de embrulho e fitas de laço, tudo o que era preciso para fazer a prenda perfeita.

O Luís estava a adorar e pediu ao Pai Natal que lhe explicasse como aquele sítio funcionava. Começaram pela zona das cartas, o local onde as estas eram colocadas depois de recebidas. Ali, cada carta era avaliada por um elfo, que tentava perceber qual seria o presente perfeito para cada criança. Depois, esta informação era levada para outra sala, onde se fazia a montagem do presente. Nessa sala, havia elfos por todo o lado, não havia um canto vazio ou um elfo parado, estavam todos a trabalhar na tarefa que lhes tinha sido incumbida. Posteriormente, as prendas passavam para a sala de embrulhos, um local com imensas decorações natalícias e muito brilhante, que servia de inspiração para os elfos. De vez em quando, havia umas pequenas discussões… porque tinham posto o laço da cor errada, porque tinha acabado a fita cola…. Enfim, coisas de elfos... No final, os presentes eram transportados para o trenó do Pai Natal, que fazia a sua distribuição por todos os cantos do mundo.

O Luís e o Pai Natal só saíram da fábrica quase ao amanhecer. Quando chegaram a casa do menino, o Pai Natal colocou-o a dormir no armário, pois o rapaz já tinha adormecido. De manhã, quando o Luís acordou, estava confuso, pois não sabia se tudo tinha sido um sonho ou realidade. Assim, resolveu ir ver o vídeo que estava na câmara, mas só se via ele a falar sozinho e a sair de casa. A história teria que ficar apenas na sua memória. Após aquela noite, o Luís ficou a sentir-se o miúdo de 7 anos mais sortudo do mundo.

Mariana Guerreiro, n.º 13, 9.º 3.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

A primeira árvore de Natal

Há muito, muito tempo, nas pequenas aldeias cobertas por tapetes de neve, o Natal era celebrado de uma forma simples. As famílias reuniam-se à lareira, trocavam presente e cantavam canções de Natal. Mas ninguém tinha uma árvore de Natal.

Numa dessas aldeias, havia uma casinha humilde onde morava um carpinteiro, com mãos aleijadas e coração bondoso e que era pai de um menino e de uma menina. Naquele ano, ele queria criar algo que trouxesse sorrisos aos seus filhos na véspera de Natal.

O carpinteiro passou o dia a cortar ramos dos pinheiros da floresta. Quando entrou em casa com os braços carregados de ramos, a sua esposa perguntou-lhe:

– O que vais fazer com toda essa madeira?

O carpinteiro, olhando para a esposa com um brilho no olhar, respondeu-lhe:

– Hoje, a nossa casa terá algo que nunca foi visto.

Com os ramos, o homem construiu uma árvore, que colocou num canto da sala, junto à lareira. Parecia uma árvore normal, mesmo tendo um formato que mais se assemelhava a uma pirâmide do que a um pinheiro. Mas ele pretendia algo único e especial.

A esposa ajudou-o a enfeitar a árvore. Como ele gostaria que fosse brilhante, colocaram, cuidadosamente, pequenas velas nos ramos. Também colocaram algumas maçãs e pedaços de pão cobertos de mel. Em cima do tapete vermelho que o carpinteiro tinha colocado debaixo da árvore, deixou alguns brinquedos que tinha feito em madeira para os filhos.

Quando as crianças entraram na sala e viram a árvore, os seus olhos brilharam pela primeira vez. O rapaz aproximou-se da árvore e, ao ver as velas, exclamou:

– A árvore brilha!

O carpinteiro aproximou-se dos filhos e abraçou-os, olhando para a árvore.

– Esta árvore – disse – será o símbolo da nossa esperança e lembrar-nos-á que, mesmo nas noites frias, de inverno, haverá sempre uma luz que nos aquece. Então, as crianças colocaram uma pequena estrela de papel no topo da árvore.

E foi assim que, naquela aldeia, a primeira árvore de Natal foi montada, trazendo luz, amor e alegria para as famílias, iniciando-se assim uma tradição que se estendeu a toda a aldeia.

Mia Melo, n.º 15, 9.º 3.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

Desejo de Natal

Era uma vez um menino. Um menino alto, magro, com cabelos dourados e olhos escuros. Assim que aprendeu a ler, a primeira coisa que fez foi começar a ver filmes. Via todos os filmes, um atrás do outro. Mas o que ele mais gostava era o “Sozinho em Casa”. Achava fascinante a possibilidade de passar o Natal sozinho, ter a casa só para si para que pudesse fazer todas as asneiras e comer a sobremesa antes do jantar. Cresceu a pensar nisso.

Os seus natais eram cheios de gente, os seus mil primos, os tios, os avós, os tios-avôs…. Enfim era uma casa cheia!! Não tinha paz. Tinha que partilhar a sua cama com a prima e ela ressonava imenso, tinha crianças a mexerem nos seus brinquedos e adultos a argumentar constantemente sobre política e sobre o estado do país.

Só queria, um dia, passar o Natal sozinho.

E agora, esse menino já não é menino, esse menino já é velhinho e tem dores nas costas. Já não ouve bem e às vezes tem dificuldade em subir as escadas. Agora, esse menino está sentado no sofá, mergulhado no silêncio sufocante que é uma casa vazia. Tem 80 anos, a mulher faleceu há um ano e os filhos foram passar o Natal fora. Pela primeira vez na vida, está sozinho na noite da Consoada e a única coisa que desejava era que houvesse barulho, festa, animação, confusão até. Que estivesse lá alguém. Só queria não estar sozinho. Tinha saudades da presença dos outros, e pela primeira vez, desprezou a solidão.

Mónica Gil, n.º 16, 9.º 3.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

O Presente milagroso

Na véspera de Natal, as casas de uma pequena vila, já estavam iluminadas com luzes coloridas e já se ouvia o som das vozes das pessoas a cantar canções natalícias pelas ruas. Mas, para Miguel, este Natal era diferente, pois não sentia a mesma alegria que antigamente costumava sentir, já que o seu avô, que era tudo para ele, tinha falecido. Mas também havia outra razão para a tristeza de Miguel, a sua família enfrentava dificuldades financeiras.

Miguel tinha 12 anos e vivia com a sua mãe e com a avó. Ele já sabia que não ia ter o que tanto desejava e costumava ter no Natal. A mãe, embora trabalhasse numa pequena mercearia perto de casa, não ganhava o suficiente para pagar as despesas do mês e a avó já era reformada. Miguel, embora quisesse muito ter o que desejava, não pedia à sua mãe nem à avó, para não dar mais peso ao que elas já tinham que pagar.

Na noite de Natal, durante o jantar simples entre eles, Miguel aproximou-se da lareira, sentou-se e começou a rezar pelo seu avô, pedindo também que a situação da família melhorasse. Depois do jantar, o rapaz pegou no pequeno presente que tinha feito para a mãe e para a avó e entregou-lho. Quando viram que era um quadro em que ele estava com os seus avós e com sua mãe, as melhores começaram a chorar e deram-lhe um abraço. Miguel sabia que elas iam gostar mais do que de qualquer presente que ele comprasse. Mas, o que ele não sabia, era que algo muito estranho ia acontecer

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

essa noite.

Enquanto Miguel se preparava para dormir, ouviu um barulho suave. Ele levantou-se da cama e encontrou um presente à porta da sala. Quando o abriu, verificou que era um envelope com dinheiro e uma carta que dizia:

"Querido Miguel, aqui está uma quantia de dinheiro para comprares o que mais desejares. Não desistas, e mesmo quando as coisas parecerem difíceis, continua a ajudar a tua família que eles precisam de ti. Esta carta foi escrita com amor por alguém que te ama, observa e acredita em ti."

Miguel, ao ler estas últimas palavras, começou a chorar, pois ele lembrou-se logo do seu avô, que tinha uma letra igual e diria o mesmo que está escrito na carta se tivesse vivo. Depois dessa emoção toda, o rapaz, no dia seguinte, decidiu gastar todo o dinheiro naquilo que mais desejava. Então, foi ter com a mãe e com a avó e disse:

– Este dinheiro que tenho, é para gastar no que mais desejo, que é ajudar a família.

As duas perguntaram-lhe de onde é que tinha vindo o dinheiro e o rapaz disse que não sabia, mas que tinha sido deixado por alguém que os amava muito. Depois desse dia, Miguel e a sua família começaram a viver melhor.

Pedro Gracias, n.º 18, 9.º 3.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]

Pedido de Natal

Mais uma véspera de Natal em que trabalhei das sete da manhã às sete da noite. Apenas mais um dia em que tive de trabalhar para me permitir o luxo de pagar as contas e comprar comida suficiente para não desmaiar durante o dia.

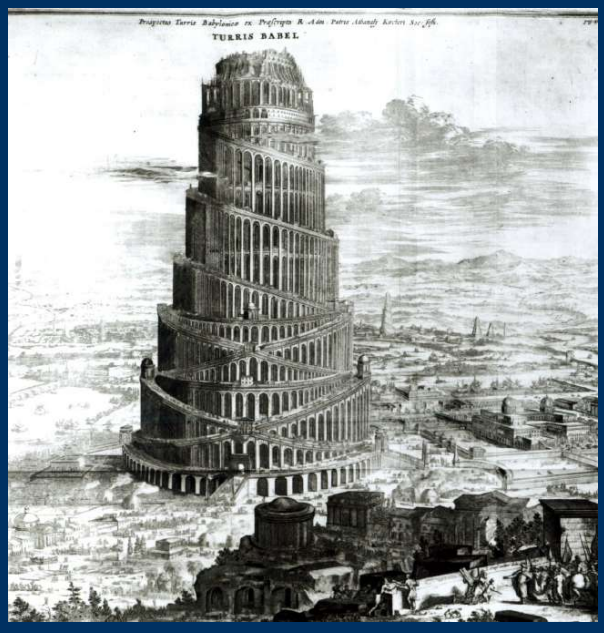
No momento em que abro a porta e entro no meu apartamento, sou recebida por uma brisa fria e melancólica, que me faz arrepiar. Quando olho em frente, vejo fotografias da minha família, da minha antiga família, melhor dizendo. Vejo retratos do meu falecido marido comigo, segurando os nossos filhos, que agora já são adultos. Nos dias de hoje, tudo são memórias, recordações de momentos que não mais se repetirão.

Num canto da sala, a minha árvore de Natal está triste, a minha ceia será um frango que comprei já confecionado e todas as cadeiras em volta da mesa estarão vazias, como nos últimos tempos. Os anos foram passando e perdi o contacto com os meus filhos, por isso, passarei, uma vez mais, esta quadra sozinha.

A minha filha mais velha já é casada e passa o Natal com a família feliz e estável que construiu. O meu filho mais novo ficou noivo há pouco tempo e essa notícia chegou até mim através de uma mensagem breve. Tenho quase a certeza de que ele passa o Natal com a sua noiva e os amigos que têm em comum.

Eu invejo os meus filhos. Invejo a capacidade que eles têm para cuidar das suas famílias e daqueles que amam. Eu gostaria de passar um último Natal com a minha antiga família, um último Natal com comida quente e abraços calorosos e a sensação de ser amada. Este é o meu pedido de Natal…

Luiza Xavier, n.º 16, 9.º 5.ª
[Supervisão: Inês Veríssimo]



Torre de Babel, 1679, Athanasius Kircher

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

A Magia do Natal

Numa pequena vila chamada Valerys, cercada por altas montanhas cobertas de neve, o Natal era mais do que uma data festiva, era um evento mágico. Segundo a lenda, todo ano, na véspera de Natal, uma estrela especial descia do céu e sobrevoava a praça central, espalhando uma luz incandescente e dourada que realizava o desejo mais profundo de cada coração puro.

Mas naquele ano, a estrela não apareceu. Os moradores, preocupados, reuniram-se na praça, tentando entender o que havia acontecido. Entre eles estava Ana, uma menina de 9 anos, conhecida pela sua curiosidade, coragem e encanto. Enquanto os adultos discutiam, ela via algo estranho: o céu estava mais escuro do que nunca, como se um véu cinza tivesse coberto as estrelas, uma camada do mal.

Movida por um péssimo pressentimento, Aba decidiu procurar respostas. Acompanhada de um velho lampião e pelo seu cachecol vermelho com bengalas, ela foi silenciosamente até à Floresta Encantada, onde diziam que os ventos falavam com quem sabia ouvir.

Após caminhar por horas entre as árvores cobertas de gelo, Ana encontrou uma criatura peculiar: um pequeno elfo chamado Lúmen, com cabelos feitos de faíscas quentes. Ele explicou que a estrela mágica foi capturada por um espírito sombrio chamado Shors, que se alimentava do desespero e tristeza. Com o mundo cheio de preocupações e corações pesados, Shors ficaria forte o suficiente para aprisionar a luz da esperança.

— Mas há uma maneira de libertá-la — disse Lúmen. — É preciso encontrar o Cristal da Alegria, escondido na Montanha do Eterno Frio.

Sem hesitar, Ana oferece orientação e ajuda. A jornada foi pesada, ventos gelados quase apagaram o seu lampião, e sombras dançaram ameaçadoras ao seu redor. No entanto, a menina lembrou-se dos momentos felizes que teve na sua vida — o riso da avó, os abraços dos amigos, as noites que passava no mundo dos livros — e, com isso, encontrou força para continuar.

Ao chegar ao topo da montanha, encontrou o cristal a brilhar como um pequeno sol. Ao tocá-lo, sentiu uma onda de calor e alegria a percorrer o seu corpo. No mesmo instante, Shors apareceu, uma figura feita de escuridão líquida, tentando intimidá-la.

— Achas que uma criança me pode derrotar? — zombou.

Ana não recuou. Ela pegou no cristal e, com um sorriso confiante, disse:

— A alegria sempre será mais forte do que o medo!

A luz do cristal intensificou-se, dissolvendo o espírito sombrio em mil fragmentos que desapareceram no vento. Com isso, a estrela do Natal foi libertada, subindo de volta ao céu.

Quando Ana voltou à vila, a estrela já brilhava no alto, e uma chuva dourada caia sobre a praça. Os moradores, tocados pela magia, sentiram os seus corações encherem-se de esperança.

Naquela noite, enquanto todos comemoravam, Ana olhou para a estrela e sentiu algo a mudar dentro de si. Ela sabia que, às vezes, a maior magia do Natal não está nas estrelas, mas sim na coragem e no amor que cada um carrega no seu coração.

Ana Rita Ferreira, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

O Pesadelo de Natal

Na noite de véspera de Natal, o pequeno Josefino tinha acabado de jantar com a sua família e ansioso decide que iria dormir mais cedo para acordar com os presentes debaixo da sua árvore.

O pequeno Josefino nunca teve problemas para adormecer, cerca de cinco minutos e já estava a sonhar com todos os presentes que iria receber.

Na manhã seguinte, acorda e vai a correr para a árvore. Quando chega à sua sala para abrir as suas prendas, depara-se com uma única e pequena caixa. Josefino, triste, abre a caixa, mas esta não tinha nada do que Josefino tinha pedido. Ele chora, chora, chora e chora. Estava tão triste, pois tinha sido um rapaz muito bem comportado e recebeu apenas uma prenda. Voltou para a cama completamente desolado e muito triste pelo Natal que tinha tido, adormecendo.

Passadas algumas horas acorda e vai até à sala para tomar o seu pequeno-almoço e depara-se com muitos presentes.

Tudo tinha sido apenas um grande pesadelo que acabou por se tornar num Natal incrível.

André Mendes, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

Conto de Natal

Numa aldeia de neves claras, o Natal foi ameaçado por uma feroz tempestade de neve que isolou os moradores.

Maria, cheia de espírito natalino, sugeriu que todos se reunissem na praça para partilharem histórias e canções. A praça iluminou-se com lanternas, enquanto o aroma de biscoitos e chocolate quente enchia o ar. As famílias trouxeram violinos e pratos típicos, e as crianças divertiam-se fazendo bonecos de neve.

Maria propôs a criação de uma árvore de natal coletiva, onde cada família poderia pendurar um enfeito feito à mão, simbolizando a união da comunidade. Um senhor contador de histórias narrou a lenda do Natal, enfatizando a importância do amor e da bondade. Juntos, transformaram a tempestade numa celebração de força e de solidariedade.

Na manhã de Natal, a neve parou e o sol brilhou. Os moradores felizes perceberam que aquele Natal ficaria para sempre nas suas memórias.

Carolina Nunes,10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

TEXTOS NARRATIVOS

CONTOS DE NATAL

O Presente Esquecido

Na pequena cidade de vila das Neves, o Natal sempre foi a época mais esperada do ano. As ruas ficavam cobertas de luzes coloridas, o cheiro a bolachas de gengibre preenchia o ar e as crianças corriam ansiosas para ver o Pai Natal na praça central. Entre eles, estava a Nina, uma menina de oito anos, que estava a viver tempos difíceis com a sua família. Ela percebe que naquele Natal não haveria presentes, mas ainda assim, decidiu fazer algo especial: um álbum de memórias, cheio de desenhos, fotografias antigas e bilhetes carinhosos que tinha guardado para oferecer aos pais. Na véspera de Natal, colocou o álbum debaixo da árvore, enquanto observava as luzes e, assim, mantinha a esperança de que o Natal continuaria a ser mágico.

Quando chegou a meia-noite algo de extraordinário aconteceu: uma pequena caixa dourada aparece do nada debaixo da árvore de natal. Dentro, Nina encontra uma estrela de cristal que brilhava sozinha e um bilhete do Pai Natal, a elogiá-la pelo seu coração ser tão generoso e que desta forma ela saberia o verdadeiro significado do Natal.

Ao mostrar os presentes que recebeu aos pais, eles emocionam-se com a estrela mágica e com o álbum de fotos, que apesar de simples estava recheado de amor e significado.

Juntos, pais e filha, sob a luz da estrela, percebem que o verdadeiro significado do Natal não são os bens materiais, mas sim a família com os seus gestos de carinho e união, e é ela que torna esta época tão especial.

Inês Santos, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

Dar uma nova oportunidade ao Natal

Era uma vez, numa noite fria, repleta de neve, durante o mês de dezembro, uma casa isolada, bem longe da cidade. Nela vivia um senhor bem conhecido por ser rabugento, de tal maneira que afastava todos aqueles que tentavam aproximar-se dele. Ele odiava esta altura do ano e não a comemorava. Este senhor chama-se Klaus.

Certa altura, a reserva dos alimentos que tinha, acabara-se, fazendo com que Klaus tivesse de ir à cidade. Ao entrar no centro comercial, enquanto contemplava a decoração natalícia, via as pessoas felizes com as suas compras e as crianças divertidas a comer doces. Nesse momento, lembrou-se da época em que era criança e que amava o natal.

Klaus, desejoso de sair dali, correu para comprar os alimentos que lhe faltavam, porém ao entrar na secção da pastelaria, deparou-se com umas bolachas que costumava pedir à sua falecida mãe e ao lembrar-se disso escorreu-lhe uma lágrima e, por um tempo, sentiu algo que já há muito não sentia: amor.

Embora quisesse voltar para casa, não o podia fazer, pois estava muito escuro lá fora e devido ao nevão que caiu, enquanto Klaus estava no centro comercial, as estradas foram cortadas. Como Klaus não conseguia voltar para casa, passou o natal num lar solidário, onde conheceu pessoas amigáveis, alegres que lhe faziam lembrar a sua mãe.

Depois da noite de Natal, Klaus retornou para casa, mas não voltou sozinho, consigo levava uma gata que apelidou de Letícia, em homenagem à sua falecida mãe.

Núria Filipa, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

CARTA

A PROPÓSITO DO ESTUDO DA OBRA *ODISSEIA*

Esparta, 1200 a.C.

Caro pai,

Como estás?

Eu e a mãe temos muitas saudades tuas. Esperamos que voltes o mais cedo possível para casa e para a tua Ítaca.

Estamos preocupados contigo e com a tua demora. Lidamos diariamente com os pretendentes, que nos devoram todos os bens.

Agora, estou em casa de Menelau e de Helena, que me receberam com a habitual hospitalidade grega. Contaram-me várias histórias sobre ti e sobre como te disfarçaste de mendigo para entrar na cidade inimiga de Troia. Disseram-me que estás em Ogígia. Irá Calipso reter-te aí muito mais tempo?

Os pretendentes desejam matar-me no meu regresso a Ítaca, pois agora veem-me como um obstáculo.

Já não posso escrever mais; tenho de preparar tudo para partir amanhã, pois a mãe já deve estar com medo de que os pretendentes ou o mar me impeçam de regressar a casa.

Um abraço do teu filho!

Telémaco

Lia Martínez, 7.º 1.ª
[Supervisão: Maria João Queiroga]

TEXTOS POÉTICOS

DIA MUNDIAL DA POESIA

Dia Mundial da Poesia

Poesia na Corda

Falamos de corda (não da corda bamba, mas da corda-estendal) e de molas. Sim, daquelas que prendem os lençóis perfumados nos estendais de quintais e varandas …e ainda de poemas. Desta trilogia, tão absurda quanto perfeita, nasceu a atividade ***Poesia na Corda,*** para comemorar o dia 21 de março, Dia Mundial da Poesia.

Criado pela 30ª Conferência Geral da Unesco a 16 de novembro, de 1999, para comemorar a livre criação de ideias através das palavras e da criatividade e ainda contribuir para a nossa perceção do mundo, logo percebemos que a nossa escola não poderia ficar indiferente a este dia. Desafiámos, por isso, os nossos alunos (desde o 3º ciclo ao secundário) a brincarem com as palavras, a "manusearem" os seus sentidos e sons. Nasceram, deste modo, ideias que se transformaram em versos, que depois se transformaram em poemas. Alguns alunos foram também responsáveis pela recolha de textos de poetas, de épocas e de nacionalidades diferentes, através de um interessante trabalho de pesquisa.

Quem passou sob as arcadas da entrada principal, naquela sexta-feira, não ficou indiferente ao estendal bastante colorido, onde alguns poemas rodopiavam para se libertarem das molas e onde já palavras esvoaçavam (o que pode ser "perigoso"). Até veio o vento, que sem ser convidado, ousou e "roubou" uma ou outra folha, à laia de folhetim…sob o olhar silencioso de Fernando Pessoa.

Esta atividade, que teve como objetivo sensibilizar os nossos alunos para o texto poético, conseguiu cativá-los para o poder da palavra e para a diversidade criativa. Afinal não é para isto que serve a poesia? A poetisa Ana Luiza Amaral dir-nos-ia que a poesia não serve para nada, mas acrescentaria logo a seguir que ela é fundamental, "porque nos faz melhores pessoas, nos move e nos comove". Só por isso já valeu a pena…

Docentes: Susana Coelho, Verónica Ministro, Sandra Mendo e Rita Anjos





Espelho em branco

Olho-me ao espelho, mas não me vejo
Um vulto distante, um rosto alheio
Tento tocar, tento sentir
Mas só sei que estou a fingir

Dizem que um dia vou aceitar
Mas como amar o que não sei gostar?
As palavras soam, mas não me tocam
Perdem-se em ecos que nunca voltam

Pinto um sorriso, disfarço a dor
Prendo no peito o que já se curou
Se ao menos soubessem o que carrego
O tanto que escondo, o pouco que entrego

Talvez um dia me encontre em mim
E o reflexo não seja o fim
Talvez descubra que sou mais do que isto
E aprenda a ver-me sem ser um risco.

Júlia de Melo, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

Tu disseste

Tu disseste-me que não estavas pronto
Mas beiraste-me como se estivesses
Disseste que nunca podíamos ter um fim
Mas nunca me deixaste ser o começo

Dizias que gostavas de mim
Mas só quando a noite vinha
Que o amor era complicado
Mas os teus lábios desmentiam

E agora? O que faço com os dias
Que me desejavas bom dia?
Com as palavras que me prendiam
E os gestos que me iludiam

Tu disseste que foi sem querer
Mas querer foi tudo o que parecias ter
E eu perdida entre os teus "talvez
Aprendi que promessas são só vento.

Júlia de Melo, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

Marcha da Graça

Descem as marchas, passos marcados,
Trajes brilhantes, sonhos bordados,
No alto da Graça, canta a cidade,
Bairro que embala a saudade.

As ruas vestem-se de cor e de luz,
Manjericos, promessas e uma cruz,
Lisboa inteira vibra e dança,
Mas a Graça tem outra esperança.

Aqui, cada pedra tem sua história,
Cada canto guarda uma memória,
Nos becos estreitos, entre varandas,
Vive o amor que o tempo manda.

E quando a noite beija a colina,
E a marcha segue, a alma ilumina,
A Graça abraça quem por lá passa,
E nunca deixa de ser menina.

Júlia de Melo, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

TEXTOS POÉTICOS

DIA MUNDIAL DA POESIA

Número 10

As tuas palavras eram abrigo
mas nunca soubeste ficar
dizias que o tempo era inimigo
mas foste tu a me soltar

Foste o início que nunca começou
um caminho sem direção
deixaste-me presa no meio
e nunca me deste a mão

Olhos nos olhos dizias que sim
e eu acreditava sem pensar
mas os teus passos iam sempre para trás
e eu lá ficava eu a esperar

Nunca quis o fim
mas não me deste o começo
deixaste páginas em branco
num livro de enredo

Sussurravas que me amavas
mas só quando ninguém estava a ouvir
eu era tua na tua sombra
mas nunca na luz do teu existir

Outro dia amanhece, e eu
perdida entre os teus talvez
guardo tudo o que nunca fomos
e sigo sem olhar de vez.

Júlia de Melo, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

Infância perdida

A infância foi uma breve dança
Passos leves sem cobrança
O tempo guiava som esperança
Mão a mão era só confiança

O tempo acendeu devagar
Como a lua pronta a brilhar
Nos olhos sempre a iluminar
Era só preciso esperar

A infância é saudade que aperta
Mas a luz nunca se vai
Fica a chama acesa, nunca deserta
Brilha mesmo quando o tempo cai

E a infância que era eterna
Hoje só recorda, vive a esperar
Uma sombra, uma promessa
Que nos faz querer voltar

O tempo passa, mas eu não paro
A infância fica atrás, mas ainda reparo
Olhos da criança que fui
com cada sonho, com cada rua, eu fluo

A vida avança, mas eu sigo
A memória nunca mente
A alma dança sempre cornico
Querendo mais, nada me detém

A infância ficou no meu peito
Mas o futuro esta no caminho
Com saudade mas sem receio
Eu sigo dono do meu destino.

Júlia de Melo, 10.º LH1 e André Osas, 11.º LH
[Supervisão: Verónica Ministro]

Em modo Cantiga de Escárnio Pé

Deitado na almofada a descansar
Inchado, cada vez a aumentar mais
Já o afoguei em água, gelo e sais
Mas não há forma de fazer parar
O seu grande e ritmado latejar

Passo horas sem dormir, noites em claro
Penso em cortá-lo, metê-lo em barro
E passar-lhe por cima com o carro
Estou farto de no breu frio acordar
Quero já este pé torcido curar.

Afonso Adrião, n.º 2, 12.º CT
[Supervisão: Susana Coelho]

Se um dia o amor…

Somos apenas duas crianças
Que brincam de se amar
Amam sem saber o que tem o futuro
Para lhes dar…

Somos apenas duas crianças
Que sonham com uma vida juntas,
Que se amam, tal como o sol ama o dia
E a lua a noite.

Sou apenas uma criança,
Que ama sem saber amar,
Cuida sem saber cuidar,
Mas que tem muito amor para te dar.

José Hipólito, n.º 8, 12.º LH
[Supervisão: Susana Coelho]

Café Frio, Alma Vazia

Por anos bebi da caneca do amor
Tomando por garantido o seu sabor
Agora sem mais café mo meu mundo já sem cor
De alma despida e corpo sem dor

Despi-me completamente e de alma então me expus
Em só ela confiei pois só ela me seduz
Um choro sem lágrima percorre a minha face
E sem qualquer expressão no meu quarto me tranco
Jamais voltarei a amar alguém
Como te amei assim tanto

Rodrigo Amorim, n.º 17, 12.º LH
[Supervisão: Susana Coelho]



RELATÓRIOS E APRECIAÇÕES CRÍTICAS

Visita de estudo ao Centro de Ciência Viva e às pedreiras de Estremoz

No dia 27 de fevereiro de 2025, realizámos uma visita de estudo de Lisboa a Estremoz com duas turmas do curso de Ciências e Tecnologia (10° e 11° ano). O objetivo da visita era aprofundar os nossos conhecimentos nas áreas de Biologia Geologia e Físico-Química. Partimos às 7h10 da manhã num autocarro e chegámos ao destino por volta das 9h.

A primeira parte da visita aconteceu no Centro de Ciência Viva de Estremoz, onde fomos recebidos com uma réplica de um fóssil de um Tiranossauro Rex. Durante essa etapa, discutimos sobre como poderiam ser os dinossauros e como os fósseis nos ajudavam a descobrir essas informações. Falámos também sobre vulcões e como acontecem as erupções, de diferentes tipos de rochas (com destaque para o calcário que, se forma no mar) e a estrutura interna da Terra, analisando o estado físico de suas camadas. Também abordámos o tema da energia e descobrimos que quase toda a energia terrestre tem origem no sol, sendo apenas transferida entre corpos.

Após esta sessão educativa, tivemos uma pausa para o almoço e retornámos às atividades às 14h30. A segunda parte dia foi dedicada a visita a uma pedreira, onde aprendemos sobre o processo de extração de minerais, os seus usos e o funcionamento das minas. Observámos que a extração é feita com uma máquina equipada com um fio adiamantado, que permite cortes precisos sem danificar os minerais. No entanto, devido à chuva, tivemos que encurtar a visita e retornar ao centro de ciência.

De volta ao centro, explorámos conceitos de Físico-Química, incluindo a luz e como diferentes cores podem ser percebidas. Estudámos também o princípio de Arquimedes por meio de uma experiência na qual colocámos uma garrafa pesada num recipiente com água e observámos a retirada de sua massa.

Após um dia de aprendizagem, regressámos a Lisboa, trazendo novos conhecimentos. Esta visita foi uma grande oportunidade de relacionar aquilo que aprendemos em aula com a prática, tornando o estudo mais dinâmico e interessante.

Isaque Martins, n.º 9, 10.º CT
[Supervisão: Nuno Soares]

Anatomia de um Roteiro Pessoano

Deambulando com Fernando Pessoa

No dia 7 de novembro de 2024, a turma de CT do 12ºano realizou, com a professora Susana Coelho, um roteiro pessoano com o tema “Deambulando com Fernando Pessoa”. O percurso foi idealizado pelas alunas Mariana e Puspita e desenvolvido por toda a turma.

Partimos da nossa escola, numa manhã outonal bastante cinzenta, em direção a Santa Apolónia, onde apanhamos o metro em direção à Baixa-Chiado.

Começamos então a nossa viagem pelo Largo de São Carlos, onde a Dara nos apresentou a história do lugar e a sua importância na vida de Fernando Pessoa. Foi no nº4, do 4º andar esquerdo que nasceu Fernando António Nogueira Pessoa, no dia 13 de junho de 1888, num edifício típico do século XIX. Em frente, vimos igualmente o Teatro de São Carlos, onde o seu pai era crítico musical.

A nossa segunda paragem foi a livraria Bertrand. Atravessámos várias salas e chegámos à sétima, dedicada ao poeta. O bar e o painel de azulejos homenageiam Fernando Pessoa. Foi a vez da Ruslana nos falar sobre os encontros que ocorriam neste lugar. Para além de ser a livraria mais antiga do mundo em funcionamento, era local de encontros políticos e tertúlias literárias.

A pouco mais de 20 metros da livraria paramos à frente da Basílica do Mártires. Aqui, o Afonso contou--nos um pouco a história do local e da sua importância na vida de Fernando Pessoa. Terá sido aqui que o poeta se batizou, a 21 de junho de 1888 e terão sido, talvez, as badaladas do sino da Basílica a inspiração para o seu poema “Ó sino da minha aldeia”.

Ainda na mesma rua, paramos junto ao café “A Brasileira do Chiado”, fundado em 1905. Foi a vez da Daniela desvendar ao grupo um pouco sobre a vida do café e sobre a estátua de Pessoa, que faz as delícias dos turistas. Foi ainda possível visitar o espaço por dentro e gozar da simpatia dos funcionários que nos chamaram a atenção para a presença de uns óculos do poeta, bem como para a 1º edição de um exemplar da *Mensagem.* Ficámos deslumbrados com as pinturas modernistas aqui expostas. O café foi considerado o primeiro “museu de arte contemporânea” do país.

O quinto ponto do nosso roteiro era o que ficava mais longe. Infelizmente encontrámo-lo fechado. O seu encerramento deu-se em 2023. Falo do Hospital St.Louis dos Franceses. Neste local, Fernando Pessoa acabou por passar os seus últimos dias de vida, já doente. A Puspita e o Óscar explicaram----nos os motivos que levaram ao internamento do poeta, a causa da sua morte e a história do hospital.

De seguida, seguimos rumo até ao Largo do Carmo, local não só importante na vida de Fernando Pessoa, mas também muito importante para Portugal, pois foi palco da Revolução do 25 de abril de 1974. É aqui que o Dinis nos fala um pouco da passagem de Fernando Pessoa, por este lugar, após o seu regresso de África do Sul, entre 1910 e 1911, onde viveu num quarto alugado, o 1º andar esquerdo no número 18, com vista para as ruínas do Convento do Carmo.

Continuámos até à praça D.João da Câmara, onde encontrámos o café “Beira Gare”. Através da apresentação da Aarju, descobrimos que este era ponto de encontro entre Pessoa e o poeta Carlos Queirós. Ainda nesta praça, foi a vez da Noor fazer a sua apresentação e de falar sobre a presença do local na poesia de alguns heterónimos.

Chegámos ao penúltimo ponto do nosso percurso, "A Licorista”, uma loja criada nos anos 20. O Fred mostrou-nos o local também frequentado por Fernando Pessoa. Este foi um dos cenários onde o poeta aparece em fotografias e uma imagem sua foi eternizada num mural de azulejos no restaurante.

Para terminar com chave de ouro, descemos até ao “Martinho da Arcada” e depois da apresentação do João, ficamos a saber que

RELATÓRIOS E APRECIAÇÕES CRÍTICAS

Pessoa tinha ali estado três dias antes da sua morte. Infelizmente já não conseguimos entrar no café e ver a sua mesa, por já ser hora de almoço. Ficou a promessa de lá regressarmos um dia…



Mariana Carvalho, n.º 8, 12.º CT
[Supervisão: Susana Coelho]

ROTEIRO:
1. Largo de São Carlos
2. Livraria Bertrand
3. Basílica dos Mártires
4. A Brasileira
5. Hospital St.Louis
6. Largo do Carmo
7. Beira Gare
8. Praça D. João da Câmara
9. A Licorista
10. Martinho da Arcada

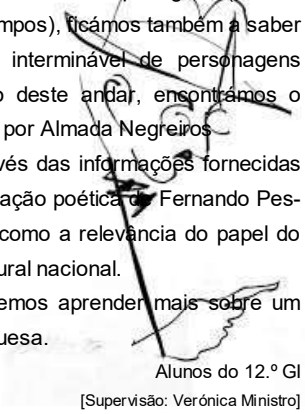
Visita de estudo à Casa-Museu Fernando Pessoa

No dia 31 de janeiro, os alunos de 12º ano do ensino profissional visitaram a Casa-Museu Fernando Pessoa, situada no bairro de Campo de Ourique, com o objetivo de conhecer melhor o poeta Fernando Pessoa.

Esta visita repartiu-se por três andares. O primeiro foi o apartamento em que viveu Fernando Pessoa nos seus últimos quinze anos de vida. Neste andar, estavam expostos diversos artigos pessoais pertencentes ao escritor. No segundo andar, os alunos percorreram a biblioteca particular de Fernando Pessoa e nela estão guardados livros que o poeta comprou, que lhe ofereceram e que escreveu ou editou. Esta biblioteca é considerada o tesouro mais valioso da Casa Fernando Pessoa. O último andar remeteu-nos para as diferentes personagens que Fernando Pessoa criou. Para além dos três principais heterónimos, que estudámos nas aulas de português (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos), ficámos também a saber da existência de uma diversidade interminável de personagens concebidos por Pessoa. No centro deste andar, encontrámos o retrato de Fernando Pessoa, pintado por Almada Negreiros.

Ao longo de toda a visita, e através das informações fornecidas pelo guia, foi visível o impacto da criação poética de Fernando Pessoa na génese do Modernismo, tal como a relevância do papel do Poeta no contexto da identidade cultural nacional.

Através da visita de estudo pudemos aprender mais sobre um dos maiores génios da língua portuguesa.



Alunos do 12.º GI
[Supervisão: Verónica Ministro]



1936 – O Ano da Morte de Ricardo Reis

No dia 27 de fevereiro, os alunos do 12º ano dos cursos profissionais de GI, TD e TT assistiram à representação da peça "*1936 - O Ano da Morte de Ricardo Reis*" numa adaptação do célebre romance de José Saramago, dinamizado pela companhia de teatro "A Barraca".

A visita de estudo realizou-se no âmbito da disciplina de Português e tendo por intuito cativar o interesse dos alunos para a obra "O Ano da Morte de Ricardo Reis" de José Saramago e estimular a sua leitura e consolidar conhecimentos sobre as obras enquadradas no programa da disciplina de Português.

Os alunos assistiram à peça com motivação e saíram estimulados para a leitura e compreensão da obra obrigatória e que faz parte do programa de Português do 12.º ano.

O espetáculo começa com o encontro entre Fernando Pessoa já falecido e o heterónimo Ricardo Reis, fazendo-se referência à comemoração dos 10 anos do golpe militar de 28 de Maio de 1926, à fundação da Mocidade Portuguesa, da Legião Portuguesa e do campo de concentração do Tarrafal e ainda se alude a Mussolini, a Hitler e ao início da guerra civil de Espanha.

Alunos do 12.º TT
[Supervisão: Verónica Ministro]

Visita de estudo – Museu Nacional da Arte Antiga

No dia 19 de fevereiro, os alunos do 12º ano dos cursos profissionais de GI, TT e TD visitaram o Museu Nacional da Arte Antiga, instalado no antigo palácio dos condes de Alvor (século XVII), às Janelas Verdes, numa zona privilegiada de Lisboa, com vista para o Tejo e para o porto de Lisboa. Este é o mais importante museu de arte dos séculos XII a XIX, em Portugal.

Os alunos, acompanhados pelas professoras Joana Rocha e Verónica Ministro, tiveram oportunidade de conhecer o museu e algumas obras de referência, como os painéis de S. Vicente, a Custódia de Belém, os Biombos Namban e, também, algumas obras, como pinturas, mobiliário, esculturas, artes decorativas, peças de ourivesaria e joalharia do período do Manuelino, do Renascimento e do Barroco.

No decurso da visita, participámos com muito interesse e entusiasmo na atividade de descoberta lançada pelas professoras. Os objetivos da visita foram cumpridos, visto que os alunos aprofundaram os seus conhecimentos e valorizaram o património artístico multicultural, promovendo o espírito de grupo e as relações interpessoais.

Foi uma viagem no tempo através de objetos muito especiais e que nos contam uma história.



Alunos do12.º TD
[Supervisão: Verónica Ministro]

RELATÓRIOS E APRECIAÇÕES CRÍTICAS

XII Olimpíadas da Língua Portuguesa

As "Olimpíadas da Língua Portuguesa" são uma iniciativa conjunta da Associação de Professores de Português (APP) com a Direção -Geral da Educação (DGE), o Plano Nacional de Leitura (PNL), a Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE), a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e a Escola Secundária de Camões.

A primeira fase das "Olimpíadas da Língua Portuguesa" decorreu no dia 14 de janeiro e contou com a participação de todos os alunos do 9º (escalão A), 11º e 12ºanos (escalão B).

A atividade teve uma grande adesão e pretendeu promover o bom uso da Língua Portuguesa pelos alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, contribuindo para o desenvolvimento de uma atitude crítica, desenvolvimento do interesse dos alunos pelo conhecimento da norma-padrão e difusão da educação linguística e literária no ensino básico e no ensino secundário.

Desde a gramática à análise literária, os participantes foram desafiados a explorar as múltiplas facetas da língua, demonstrando não apenas conhecimentos linguísticos, mas também criatividade e sensibilidade literária.

A colaboração entre professores foi essencial para a concretização da atividade num ambiente de saudável competição.

No final das olimpíadas, ressoavam conversas e trocas de impressões sobre as questões entre os alunos.

Docente: Verónica Ministro

Semana da Leitura

A Semana da Leitura é um evento nacional, promovido pelo Plano Nacional de Leitura e este ano celebrou-se, na escola Gil Vicente, de 31 de março a 4 de abril, tendo por objetivos valorizar a leitura e a literacia, incentivar para o prazer de ler, reconhecer o poder dos livros e a magia das histórias.

Ao longo da semana várias foram as atividades que envolveram alunos, professores e funcionários, entre elas destacamos o mural colaborativo. Diz-me *o que lês, dir-te-ei quem és,* um espaço aberto onde cada aluno/professor/ funcionário, poderia partilhar o(s) seu(s) livro(s) preferido(s), o(s) livro(s) que está a ler atualmente ou recomendações literárias. Os trava línguas e os provérbios, bem como as poesias que assinalam a comemoração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, um dos maiores nomes da literatura portuguesa, foram também uma presença interessante, que cativava quem passava e convidava a um olhar mais demorado.

A Semana da Leitura reforçou a importância da leitura como prática enriquecedora e promotora de conhecimento, dando a todos consciência da importância da leitura na formação pessoal e social. Sabe-se que o caminho de um leitor pode não ser linear, que se vai construindo e que é na infância, muitas vezes, que a criança começa a sua aventura na narrativa, através das *estórias* que ouve. Ler torna-se fundamental para construirmos a nossa perceção do mundo e a investigação e os estudos PISA da OCDE provam que a falta de hábitos de leitura está na origem de muitas das dificuldades de compreensão dos nossos alunos.

Pretende-se que todos leiam, a leitura é importante na formação e na constante luta pela liberdade, mesmo que o leitor tenha o direito de saltar páginas, de não acabar o livro, de ler não importa o quê, como defende Daniel Pennac em *Como um Romance,* o importante é ler.

Docentes: Sandra Mendo, Susana Coelho e Verónica Ministro

Dia dos Afetos

No dia 14 de fevereiro, comemorou-se o Dia de São Valentim ou Dia dos Afetos.

O Grupo de Português construiu, para comemorar o dia e dando cumprimento ao disposto na Lei nº 60 / Educação sexual, de 6 de agosto de 2009, um mural dos afetos, no âmbito das atividades de Cidadania.

A escola é um lugar onde cada um aprende consigo e com os outros e que, nesta troca de saberes, inevitavelmente, encontramos também um mundo dos afetos. Uma escola sem afetos acabaria por

O objetivo do Grupo de Português foi, mais do que celebrar o Dia dos Namorados, que se festejasse a importância do afeto, da amizade, do respeito e da solidariedade pelo próximo, ajudando, valorizando e fortalecendo todas as relações afetivas.

Assim, cada professor participou na atividade, solicitando aos seus alunos que refletissem e escrevessem, num coração, uma palavra, uma frase, ou uma mensagem relacionada com a palavra afeto em qualquer das suas dimensões. Posteriormente, estas palavras foram coladas num mural cheio de simbologia, exposto na entrada da escola e promovendo a consciencialização da comunidade educativa.

Docente: Verónica Ministro







RELATÓRIOS E APRECIAÇÕES CRÍTICAS

Apreciação crítica: A Engomadeira, de Almada Negreiros: a História de Um Corpo

A ***Engomadeira*** é um quadro pintado por Almada Negreiros em 1938. O pintor modernista português foi também um destacado poeta e escritor, participando com os seus textos na Revista Orpheu, fundada por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro em 1915.

No centro do quadro apresentado, pode-se observar uma figura feminina passando roupa a ferro. A sua cara triste chama desde logo a atenção, para além do seu corpo, pintado de forma muito sensualizada, dando a entender que esta é uma mulher-objeto de prazer e de escravidão, disponível para qualquer tipo de necessidade.

No canto superior esquerdo, por cima da mulher, existe um pássaro preso num cubo transparente, que parece feito de vidro e madeira nas margens. É interessante verificar que a situação do pássaro pode ser comparada à da mulher, pois ambos estão presos por uma parede "transparente". Poderá não ser tão óbvio para todos, mas estão presos. A gaiola transparente transmite a ideia de falsa liberdade, tal como a mulher que poderia se libertar, caso quisesse. Mas será assim mesmo? Toda a atmosfera que a rodeia lembra tristeza, escuridão, obrigação, sombras, transmitidas pelo uso de cores escuras, onde só existe uma janela que pouco ilumina.

Tanto o pássaro como a mulher são seres aprisionados e isolados e creio que a intenção do artista foi mesmo chamar a atenção para a condição da mulher.

Concluindo, este quadro magnífico de Almada Negreiros retrata de uma forma clara a sexualização e a objetificação a que as mulheres estavam sujeitas, fazendo-nos refletir acerca da sua atualidade.

Aarju Khatri, nº.1, 12.º CT
[Supervisão: Susana Coelho]



Almada Negreiros, *Engomadeira*

Apreciação crítica do filme *O recreio*
Bullying: uma triste realidade

O filme que assistimos numa das sessões de Atendimento ao Aluno tem como nome *O recreio* e foi realizado por Laura Wandel, em 2021. Apresenta uma história que se assemelha a muitos casos reais. Retrata atos de bullying, atos de vergonha e atos de desespero consecutivamente.

Foca-se diretamente em duas crianças, Abel e Nora, que são irmãos, e vivem apenas com o seu pai, que se encontra desempregado. Nora enfrenta o seu primeiro ano na escola, local onde ganha uma noção diferente das capacidades e emoções humanas, pois presencia atos de *bullying,* e injustiça, nos quais o seu irmão Abel participava. No início, ele era um *bully*, mas após "proteger", de certa forma, a irmã do seu próprio grupo de amigos, também começou a ser vítima de *bullying.*

O filme é daqueles que nos desencadeia várias emoções, a mim pelo menos, e pôs-me a pensar como é que de um dia para o outro, uma pessoa pode mudar na totalidade. Isso é um dos fatores que torna o filme mais interessante.

Pessoalmente, a parte que mais me tocou foi quando foram chamar Nora à sala de aula, depois do irmão dela, o Abel, ter sido atirado para um contentor de lixo, fechado e achocalhado dentro dele por três *bullies.* Nora assistiu a esse evento, mas decidiu não fazer nada, visto que o próprio irmão se chateou com ela por ter falado com o pai sobre o que se passava. Eu consigo compreender ambos os lados, pois quando se é vítima de *bullying* não deve ser fácil contar aos nossos pais o que se passa, seja por vergonha ou medo das consequências. Também compreendo a Nora, qualquer um tentaria ajudar alguém que lhe fosse próximo, seja amigo ou familiar. Essa foi de facto a pior cena para mim, pois eu ia jurar que o Abel tinha morrido fechado no contentor ou até mesmo se matado por não ser capaz de aguentar mais o que lhe faziam. O Abel não morreu, a situação foi apenas reportada ao diretor e levada em consideração pelos pais dos *bullies.*

Considero como ponto forte do filme a denúncia da situação de bullying, e destaco como ponto negativo o final. Acho que deveria ter havido uma mudança positiva na vida de Nora, mas principalmente na de Abel.

E concluindo, o filme dá-nos uma lição de moral significativa, do género "há sempre outra maneira" ou "nunca estamos de facto sozinhos". Eu sou adepto dessas duas crenças, e acredito que o filme as expressou de forma eficiente e clara.

Martim Trindade, nº. 12, 12.º LH2
[Supervisão: Susana Coelho]

TEXTOS DE OPINIÃO

Trabalho Infantil

Na minha opinião, é muito importante falar de trabalho infantil e de direitos das crianças. O trabalho infantil afeta milhões de crianças em todo o mundo. É fundamental reconhecer que as crianças têm direitos que devem ser respeitados e protegidos. O trabalho infantil não compromete, apenas, a infância da criança, mas também prejudica o seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social. As crianças deveriam ter a oportunidade de brincar, de aprender e de crescer num ambiente seguro e saudável, o trabalho priva-as de vivenciarem momentos essenciais para o seu crescimento.

Considero que o trabalho infantil é uma violação grave dos direitos humanos, pois ao serem forçadas a trabalhar, muitas crianças abandonam a escola, resultando num ciclo de pobreza e de falta de oportunidades. Mas essa violação dos direitos traz também consequências negativas para a sociedade, pois uma população sem educação adequada tende a ser menos produtiva, criativa e inovadora.

As crianças, muitas vezes, trabalham longas horas durante o dia, com péssimas condições de trabalho, com baixos salários e em ambientes perigosos e sem segurança. Não podemos ignorar a realidade que muitas famílias dependem das pensões geradas pelo trabalho infantil. Portanto, é essencial abordar as causas socioeconómicas que levam à exploração das crianças.

Em suma, a luta contra o trabalho infantil e pelos direitos das crianças deve ser uma prioridade global, pois garantir os direitos das crianças é investir no futuro da sociedade.

Ariana Luís, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

O Trabalho Infantil

O trabalho infantil é um tema muito debatido na sociedade, pois envolve questões sociais, económicas e culturais. Apesar de ser proibido por lei, ainda é comum encontrar crianças a trabalhar em diversas atividades. Esse problema deve ser analisado em diferentes pontos de vista. Por um lado, algumas pessoas argumentam que, em situações de extrema pobreza, o trabalho infantil acaba sendo uma forma de sobrevivência. Em muitas famílias, as receitas dos pais não é suficiente para sustentar todos os filhos, e o trabalho das crianças ajuda a complementar o orçamento. Além disso, alguns defendem que trabalhar desde cedo ensina e prepara as crianças para a vida adulta, responsabilizando-as.

É inegável que o trabalho infantil traz mais prejuízos do que benefícios. Ao trabalhar, a criança perde o direito de estudar, brincar e viver plenamente a infância. O trabalho precoce afasta as crianças da escola e prejudica o seu desenvolvimento físico e psicológico. Além disso, muitas vezes elas são expostas a situações perigosas e exploradoras, o que pode marcar suas vidas para sempre.

Mesmo que existam argumentos que tentem justificar o trabalho infantil como sendo preciso, é importante lembrar que nenhuma criança deveria ter de trabalhar para sobreviver. Cabe ao governo, à sociedade e às famílias garantir que todas as crianças tenham acesso à educação, à proteção e à oportunidade de viver a infância com dignidade.

Inês Duarte dos Santos, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

O Trabalho Infantil e os Direitos das Crianças

O trabalho infantil é uma realidade que, infelizmente, ainda faz parte da vida de milhões de crianças em todo o mundo. Em vez de estarem na escola, a aprender e a brincar como qualquer criança deveria, muitas são forçadas a trabalhar, muitas vezes em condições duras e desumanas. Seja na agricultura, na construção civil, no comércio ou até mesmo em fábricas, essas crianças veem-se obrigadas a crescer antes do tempo, sem o direito a viver uma infância plena e protegida. Este problema afeta, principalmente, crianças de famílias mais pobres, onde a necessidade de garantir sustento faz com que o trabalho seja visto como uma solução. No entanto, esta realidade perpetua um ciclo de pobreza e desigualdade. Uma criança que trabalha desde cedo tem menos hipóteses de estudar e, consequentemente, menos oportunidades de conseguir um emprego digno no futuro. Em vez de quebrar o ciclo da pobreza, o trabalho infantil acaba por o reforçar, retirando às crianças a possibilidade de uma vida melhor.

Além de impedir o acesso à educação, o trabalho infantil coloca em risco a saúde física e emocional das crianças. Muitas são submetidas a longas jornadas de trabalho, tarefas pesadas e ambientes perigosos, sem qualquer proteção ou direitos. O cansaço extremo, as más condições de trabalho e a falta de cuidados adequados podem levar a doenças, lesões e traumas que as acompanham ao longo da vida.

Os direitos das crianças devem ser garantidos em qualquer parte do mundo. Todas elas têm direito à educação, ao lazer, à segurança e ao bem-estar. Proteger esses direitos significa lutar contra qualquer forma de exploração infantil e garantir que todas as crianças tenham acesso a uma vida digna. Para combater o trabalho infantil, é fundamental que haja medidas eficazes por parte dos governos e da sociedade. Investir na educação, garantir que as famílias tenham condições de sustentar os seus filhos sem depender do seu trabalho e fiscalizar empresas para impedir a exploração são passos essenciais para erradicar este problema. Além disso, é necessário sensibilizar as pessoas para esta realidade, pois só com informação e consciência podemos agir de forma mais eficaz.

Nenhuma criança deveria carregar nos ombros um fardo tão grande. A infância é uma fase única e preciosa da vida, e cada criança tem o direito de vivê-la com alegria, segurança e oportunidades. Proteger os direitos das crianças é garantir um futuro mais justo e igual para todos. Afinal, uma sociedade que permite que as suas crianças sejam exploradas é uma sociedade que compromete o seu próprio futuro.

Júlia de Melo, 10.º LH1
[Supervisão: Verónica Ministro]

TEXTOS DE OPINIÃO

Caros colegas,

Depois de muitos anos de uma certa estabilidade política na Europa, a extrema-direita tem vindo a renascer com um ritmo assustador.

Atualmente, vivemos na era da extrema-direita, o que me leva a pensar que, provavelmente, as pessoas não terão conhecimentos suficientes de História. Com base em factos, seria legítimo perguntar: em que países os partidos com esta ideologia governam com um objetivo social? Qual é exatamente o seu grau de preocupação com o povo?

Antes de analisar as consequências desta ascensão, há que reconhecer a capacidade que estes partidos têm, não só na Europa como no mundo, de controlar a mentalidade das pessoas. Aproveitando-se do medo e da falta de tolerância das populações, difundem um discurso de ódio e apresentam soluções básicas para problemas complexos, através de medidas radicais.

Ora, os nossos avós lutaram pela nossa liberdade para que esta seja agora posta em causa, em pleno século XXI? Além de a extrema-direita enfraquecer a democracia, causa, simultaneamente, a desconjunção das políticas de proteção dos direitos individuais, como a liberdade de expressão, por exemplo, e provoca um retrocesso civilizacional marcado pela oposição às políticas liberais de séculos passados.

Nesta ordem de ideias, incumbe-me dizer-vos que é nossa obrigação impedir o crescimento e a propagação deste flagelo. Não nos podemos deixar ludibriar pelas tentativas de sedução da extrema-direita através das redes sociais. É urgente resistir e lutar por uma sociedade mais aberta e menos conservadora, tendo sempre presente que o poder está no povo.

Martim Sá, n.º15, 11.º LH1
[Supervisão: Alexandra Caetano]

Caros amigos,

Como é do vosso conhecimento, deparamo-nos atualmente com uma forte afluência de imigração, devido aos múltiplos conflitos armados existentes no mundo.

Sendo o nosso país um território neutro, é natural que seja visto como um porto seguro pelas pessoas oriundas de regiões onde há situações bélicas, e que, por isso, tanto precisam de apoio e segurança; e nós, apesar de não termos a obrigação de as acolher, devemos fazê-lo. Penso e defendo, assim como a maioria de vós, certamente, que é um imperativo moral iluminar a vida destes homens, destas mulheres e destas crianças sem rumo.

Eu sei que, apesar de a grande maioria concordar comigo, ainda há aqueles que são de opinião de que aquelas pessoas vieram apenas para nos prejudicar, roubando-nos empregos e trazendo os seus costumes incomuns, porque estranhos aos nossos olhos.

Face a estas situações, podeis indagar por que razão somos anfitriões de última hora, e eu respondo-vos, convictamente, dizendo-vos que nenhum dos imigrantes nos rouba, nem desrespeita culturalmente, muito pelo contrário. A nossa economia só beneficiou com a sua chegada. Com efeito, os imigrantes passaram a ocupar os postos de trabalho que, anteriormente, ninguém queria, uma vez que, para muitos, aquelas tarefas eram motivo do mais vil desdém. Pelo contrário, eu considero que os trabalhos desempenhados pelos imigrantes são muito dignos e honrosos, além de serem essenciais para a nossa sociedade, estando hoje com uma taxa de ocupação acima dos noventa por cento.

No que diz respeito aos seus costumes, exóticos para a nossa observação ocidental, temos de reconhecer que são um importante elo afetivo com as origens: para quem perdeu tudo, tendo deixado para trás a casa e a família e, por isso, não tendo outra escolha senão desempenhar funções que ninguém quer, num sítio onde se fala uma língua completamente diferente e estranha, desconectados dos acontecimentos e das pessoas, é preciso lembrar que os costumes, a música, a gastronomia e a cultura de origem são vínculos emocionais fortes.

Em suma, com estas palavras, espero ter conseguido sensibilizar-vos para este problema, levando-vos a aceitar e a entender estas pessoas, que já passaram por tanto e, ainda assim, fazem tanto por nós. Deixemos que, ao menos, se sintam em casa no país de acolhimento. Sejamos humanos.

Ricardo Moreira, n.º 18, 11.º LH1
[Supervisão: Alexandra Caetano]

Caros colegas,

Hoje, dirijo-me a vós para falar de um tema que não pode continuar a ser ignorado: a desigualdade de oportunidades.

Vivemos numa sociedade que se orgulha dos seus princípios democráticos, mas como podemos falar de verdadeira democracia, se nem todos têm as mesmas condições para crescer e prosperar?

Com efeito, desde a infância, o acesso à educação, à saúde e até ao emprego é desigual. Há jovens que nascem em famílias que lhes podem proporcionar os melhores colégios, as melhores atividades extracurriculares e um ambiente de estudo tranquilo. Outros, porém, enfrentam dificuldades desde cedo, com escolas sem recursos, professores sobrecarregados e ambientes que pouco favorecem o seu desenvolvimento. Como podemos considerar justa esta situação?

Na verdade, o conceito de justiça fundado no mérito, muitas vezes apontado como solução, é uma ilusão, quando as condições de partida são tão distintas. Não podemos exigir o mesmo desempenho de quem luta diariamente para sobreviver e de quem cresce rodeado de conforto e estabilidade.

Mas há soluções: precisamos de investir mais na educação pública, garantir apoio social às famílias mais vulneráveis e criar programas de integração que realmente promovam a igualdade. Devemos exigir políticas que permitam que o talento e o esforço

TEXTOS DE OPINIÃO

sejam os fatores determinantes para o sucesso, e não a condição socioeconómica de cada um.

Não se trata de caridade, mas de justiça. Uma sociedade mais justa e equitativa é também uma sociedade mais forte e próspera. O talento desperdiçado por falta de oportunidades não é apenas um problema individual, é um problema de todos nós.

Assim sendo, compete-nos, enquanto cidadãos conscientes, lutar por um futuro onde ninguém fique para trás. A mudança está nas nossas mãos. É a hora!

Simardeep Singh, n.º.20, 11.º LH1
[Supervisão: Alexandra Caetano]

Heróis

Quem são e por onde andam?

Para muitas pessoas, a palavra "herói" remete para figuras grandiosas, com superpoderes ou feitos impressionantes. No entanto, o meu herói não veste capa, nem tem superpoderes. É o meu tio, um homem que apesar das dificuldades, mostrou-me como é possível *ver* o mundo de uma forma diferente, com mais sensibilidade e cores do que eu imaginava.

O meu tio sempre foi uma pessoa determinada. Cedo enfrentou as dificuldades de viver numa sociedade pouco adaptada às necessidades das pessoas invisuais. No entanto, apesar de cego, nunca se deixou limitar pela sua condição, pelo contrário, ensinou-me a importância do ouvir, sentir e imaginar. As histórias que me contava, baseadas no que ouvia, ou no que criava na sua mente, eram tão ricas e cheias de detalhes, que parecia que tinha viajado por mundos novos. Além disso, ele mostrou-me que a visão vai para além dos olhos. Mesmo sem enxergar, o meu tio levou-me a locais que eu nunca teria visitado, se não fosse por ele. As suas palavras transformaram simples paisagens em verdadeiras obras de arte, cheias de emoção e significado. Com ele aprendi a valorizar as pequenas coisas, como o som do vento, o cheiro das flores e o calor de um abraço.

O meu tio é assim o meu *Herói,* porque me ensinou a ver o mundo com o coração. Ele mostrou-me que as limitações não nos definem e que, mesmo diante de desafios, é possível viver com alegria, criatividade e inspiração. Ser herói afinal é isto, não é ter superpoderes, mas sim transformar a vida dos outros com amor e coragem.

Yolanda de Oliveira, n.º 21, 12.º.LH
[Supervisão: Susana Coelho]

TEXTO EXPOSITIVO

Mente em alerta: a importância de falar sobre doenças mentais

Comigo me desavim…
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim
Sá de Miranda

As doenças mentais resultam de problemas mentais que deixam a nossa mente enfraquecida. Afetam não só o nosso lado emocional, mas também o físico. Alguns exemplos de distúrbios mentais podem ser a depressão, a ansiedade, a bipolaridade, o transtorno dismórfico corporal e diversos tipos de fobias.

Tomando como exemplo a depressão, esta é um distúrbio mental que causa um sentimento de tristeza profunda e um desinteresse por todas as atividades diárias. Existe também uma falta de esperança tão grande que leva a consequências físicas e comportamentais, como mudanças no sono e no apetite, falta de energia e de concentração, baixa autoestima e ainda pensamentos suicidas.

Por seu lado, a ansiedade é considerada um dos transtornos mais comuns hoje em dia e é caraterizada por uma preocupação intensa, persistente e excessiva. A pessoa espera sempre o pior e vive numa situação de estado de alerta, acompanhada por um medo de situações do quotidiano. Entre os vários sintomas estão presentes a taquicardia, a sudorese, a sensação de cansaço e de falta de ar e ainda pensamentos suicidas.

Para solucionar os distúrbios mentais é preciso tratamento médico, psicoterapias, acompanhamento familiar ou uma combinação entre todos eles.

Rafael de Oliveira, n.º 19, 8.º 3.ª
[Supervisão: Susana Coelho]







TEXTOS EM FRANCÊS

JE ME PRÉSENTE

Salut !
Je m'appelle Duarte. J'ai 12 ans.
Physiquement, je suis mince et petit. J'ai les cheveux courts et châtains. J'ai les yeux marron.
Psychologiquement, je suis sportif, curieux et bavard.
J'aime le sport et la musique, et j'adore mes amis.
Je déteste la danse, la mode et la piscine.
À bientôt !

Duarte Coutinho, n.º 6, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

Salut !
Je m'appelle Violeta. J'ai 12 ans.
Physiquement, je suis jeune et de taille moyenne. J'ai les cheveux bruns et mi-longs. J'ai les yeux marron.
Psychologiquement, je suis active et studieuse.
J'aime la musique, le sport et l'école.
Je n'aime pas les devoirs, parce qu'ils sont très difficiles !
À bientôt !

Violeta Pereira, n.º 22, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]



https://icon-icons.com/fr/



https://pixabay.com/

MA MEILLEURE AMIE

Salut !
Je vous présente ma meilleure amie. Elle s'appelle Madalena.
Elle est jeune. Elle est petite et mince. Elle a les cheveux longs, bruns et lisses. Elle a les yeux verts.
Elle est amusante et sociable, mais elle n'est pas très calme.
Elle aime la musique et les amis.

Sofia Soares, n.º 21, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

Ma meilleure amie a 13 ans.
Elle a les yeux bleus et les cheveux lisses et bruns. Elle est de taille moyenne et jolie.
Elle aime lire, mais elle n'aime pas le sport.
Ma meilleure amie est sympathique, timide et curieuse.

Zahira Sanchez, n.º 23, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

MA FAMILLE

Bonjour !
Je m'appelle Carolina.
Ma famille et moi, nous habitons au 173, rue du Chocolat.
Ma famille est petite et spéciale, parce qu'elle a des métiers cools !
Ma mère est infirmière et mon père est secrétaire. Ma tante est pompière, et moi, je suis élève au collège.
Ma mère s'appelle Camille, et mon père, Jérôme. Ils ont 45 ans.
Ma mère a les cheveux courts et châtains et elle porte des lunettes. Elle est très paresseuse.
Mon père a les cheveux courts et noirs. Il est appliqué. Il est grand et sympathique.
J'aime ma famille.

Carolina Pereira, n.º 3, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

Salut à tous !
Je m'appelle Maria et j'ai 12 ans. Je vous présente ma famille !
J'habite avec ma mère et mon père. Nous habitons à Lisbonne, au Portugal.
Mon père s'appelle Pedro et il a 47 ans, et ma mère s'appelle Marta et elle a 45 ans. Elle est professeure, elle adore la musique, mais elle n'aime pas le sport.
Ma mère est très sympathique et amusante. Elle est grande, elle a les cheveux bruns, les yeux marron, et elle est très jolie. Ma mère est très spéciale !
J'adore ma famille !

Maria Pedro, n.º 15, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

TEXTOS EM FRANCÊS

MA FAMILLE

Ma famille est petite, mais elle est amusante !
J'habite avec ma mère et mon père.
Ma mère est très spéciale, mais je vous parle de mon père, parce que c'est son anniversaire.
Mon père s'appelle Tiago et il a 45 ans. Il est secrétaire. Il aime écouter de la musique. Il est de taille moyenne, il a les cheveux noirs et il a les yeux marron-vert.
Mon père est appliqué, mais parfois il est paresseux. Il est intelligent.
Il est le meilleur père du monde !

Maria Rita Costa, n.º 17, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]



https://pixabay.com/

C'EST MON ANNIVERSAIRE !



Salut !
Je t'invite à mon anniversaire, le vendredi 25 septembre.
La fête est chez moi, 138 rue du Jardin, à partir de 18h00.
On va bien s'amuser !
Mes parents organisent une super fête du hamburger. Ma grand-mère prépare un gâteau au lait et à la fraise. Ma sœur Valentina s'occupe de la musique et mon frère s'occupe des jeux.
Confirme ta présence au 01 51 87 92 85.
Clarisse

Clarisse Vieira, n.º 4, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

Salut!
Je t'invite à mon anniversaire, le dimanche 2 janvier.
La fête est chez moi, 152 rue du Soleil, à partir de 16h00. Ma mère va préparer un gâteau et mon père va réserver une table au restaurant.
Mon amie va préparer un gouter.
Confirme ta présence au 05 97 33 63 75.
Maria Inês



Maria Inês Dias, n.º 16, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

TEXTOS EM FRANCÊS

Mais que font les objets pendant le cours de Français ?

Expression écrite à partir du poème « Les crayons », de Corinne Albaut

Les crayons

Mais à quoi jouent les crayons
pendant les récréations ?
Le rouge dessine une souris,
Le vert un soleil,
Le bleu dessine un radis,
Le gris une groseille.
Le noir qui n'a pas d'idée,
fait de gros pâtés.
Voilà les jeux des crayons
pendant les récréations.

Corinne Albaut



Mais que font les objets
pendant le cours de Français ?
Le crayon efface le texte,
Les gommes écrivent un poème.
Le cahier étudie la géographie,
Les colles copient les phrases.
Le classeur apprend les maths,
Les compas calculent les exercices.
Voilà ce que font les objets
pendant le cours de Français !

Carolina Pereira, n.º 3, e Sofia Soares, n.º 21, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

Mais que font les objets
pendant le cours de Français ?
La gomme écrit un texte,
Les calculatrices font des expériences.
Le livre de maths fait des calculs,
Les ciseaux comptent les nombres.
La règle écrit les devoirs
Et les cahiers travaillent en classe.
Voilà ce que font les objets
pendant le cours de Français !

Clarisse Vieira, n.º 4, Maria Pedro, n.º 15, e Violeta Pereira, n.º 22, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

Mais que font les objets
pendant le cours de Français ?
La calculatrice écrit un texte,
Les crayons effacent la table.
La règle lit un livre,
Les cahiers apprennent le Français.
Le compas fait des calculs,
Les ciseaux dessinent une montagne !
Voilà ce que font les objets
pendant le cours de Français !

Maria Inês Dias, n.º 16, e Zahira Sanchez, n.º 23, 7.º 2.ª
[Supervisão: Inácia Pereira]

CONCURSO LITERÁRIO FAZEDORES DE HISTÓRIAS

ESCALÃO A | MODALIDADE 1

Uma biblioteca misteriosa

Estava uma manhã cinzenta na cidade de *Vintera*. Dois amigos chamados Elisa e James estavam a caminho de casa a conversar, quando se depararam com uma nova livraria que tinha aberto no bairro deles. Foi então que, depois de ficarem algum tempo a pensar, decidiram entrar. A livraria era enorme. Tinha imensas prateleiras a transbordar de livros e várias poltronas vermelhas cor de lacre com uma pequena luz ao lado. Os amigos ficaram boquiabertos, era a livraria mais bonita e mais acolhedora que alguma vez tinham visto. Os amigos exploraram a biblioteca por um bocado.

Algum tempo depois, decidiram que era melhor irem para casa porque estava a ficar tarde. James já se estava a dirigir para a porta quando ouviu a voz de Elisa a chamá-lo. Virou-se e viu Elisa a fitar um certo livro. Então, decidiu ir ter com ela. James viu um livro muito antigo e cheio de pó, de título: "Poemas de Luís Vaz de Camões". Elisa, ao perceber que James estava interessado, abriu livro, e o primeiro poema chamava-se "Verdes são os campos". Elisa começou a ler num tom de voz que só James conseguia ouvir. E o poema era assim:

"Verdes são os campos
De cor de limão
Assim são os olhos
Do meu coração"

No momento em que Elisa tinha acabado de ler o poema, foram brutamente sugados para um vórtice cor de púrpura. Num certo momento, uma fenda abriu-se no meio daquela imensidão roxa que os fez aterrar em terra firme. Os amigos estavam completamente baralhados e tontos, o que não ajudou para se levantarem facilmente. Uma vez de pé, olharam em volta. Estavam no campo e tinham aterrado mesmo ao lado de um limoeiro. Depois de um bocado, James percebeu que tinham aterrado no exato local descrito no

CONCURSO LITERÁRIO FAZEDORES DE HISTÓRIAS

ESCALÃO A | MODALIDADE 1

poema. Quando contou a Elisa, ambos entraram em pânico. Viram um camponês a passar por eles, a quem Elisa perguntou em que ano estavam. Quando o camponês lhe respondeu, Elisa ia desmaiando: tinham viajado no tempo!

Não sabiam o que fazer. Como é que era possível? Caminharam e caminharam à procura de alguma coisa que os pudesse levar para casa. Foi então que viram ao longe uma pequena casa com as luzes acesas. Decidiram ir para lá para ver se alguém os podia ajudar. Quando chegaram, bateram à porta três vezes, mas ninguém abriu, o que era estranho porque as luzes estavam ligadas. Tentaram mais uma vez e explicaram o que tinha acontecido. Foi nesse preciso momento que a porta se abriu e um senhor alto, de cabelo grisalho e com uma pala no olho abriu e porta e pediu que entrassem. Como estavam desesperados para voltar para casa e parecia que ia começar a chover, os amigos entraram. Elisa tinha guardado o livro que os tinha levado até lá na mochila, mas retirou-o para explicar melhor o que tinha acontecido. Quando viu a parte de trás do livro, deu um grito e um salto. O autor do livro era o senhor que se encontrava à sua frente, o tal dito Luís Vaz de Camões.

Elisa segredou a James o que tinha descoberto. De repente, Camões voltou-se e pediu que lhe contassem detalhadamente o que lhes tinha acontecido. Os amigos recearam por um bocado, mas depois perceberam que era a única maneira de sair de lá. James começou a contar até ao ponto em que o poeta saltou e perguntou, surpreendidíssimo, se tinha sido o livro dele a trazê-los para ali. Os amigos acenaram que sim e Camões reflectiu: o livro tinha-os trazido para ali por alguma razão. Depois de um bocado, ele pediu se podia ver o seu livro. Folheou-o e lembrou-se que tinha sido o único livro dele a ser publicado sem ser acabado, por não ter cumprido o prazo de entrega. Explicou a sua opinião aos miúdos, que pensaram que o melhor seria ele acabar o poema ali e agora. Camões não pensou que fosse uma boa ideia, porque podia corromper as linhas temporais, mas ao mesmo tempo o livro foi para ali para ser acabado. Então, assim fez.

Quando o poeta acabou o poema, os miúdos pensaram: se, quando Elisa leu o poema “Verdes são os campos”, este os trouxe até ali com um propósito e, agora, este fora cumprido, poderiam voltar da mesma maneira que vieram. Os amigos disseram a Camões que tinham descoberto a maneira de voltar, mas, antes de irem, disseram que tinha sido uma honra conhecê-lo e agradeceram-lhe.

Quando James leu as últimas palavras do poema, foram sugados novamente para aquele vórtice cor de púrpura, onde se abriu uma outra fenda que os levou à livraria. Quando lá chegaram, viram as pessoas todas completamente normais sem notarem nada. Elisa perguntou a James como é que era possível, mas ele não lhe soube responder.

Depois da grande aventura, os amigos voltaram para casa e, quando foram para a cama, ficaram a pensar no grande dia que tinham vivido.

Anna Pallini Jürgens, n.º 2, 6.º 5.ª

ESCALÃO B | MODALIDADE 2

A mensagem da garrafa

Olá! Eu sou a Marta, uma gaivota muito curiosa e vou contar-vos a minha história.

Eu vivi sempre perto do Tejo, a comer sardinhas e a fazer "coisas de gaivota". Para mim, os barcos de pesca sempre significaram comida fácil. Todos os dias em que via um barco de pesca, conseguia peixe sem grandes dificuldades. Foi num desses dias, quando já estava pronta para voar até ao barco, que avistei à superfície da água uma coisa brilhante que parecia um peixe. Aproximei-me e apanhei uma grande desilusão: era apenas lixo dos humanos. Que nojo!

«Espera lá. Isto é uma garrafa e parece ter alguma coisa dentro» - disse para mim mesma.

Arrastei a garrafa até à costa, parti com o meu bico a rolha de cortiça e retirei o que estava no seu interior. Ao início, não percebi bem o que era, mas depois lembrei-me das histórias que o meu pai me contava sobre mapas que levavam a lugares fantásticos. Cheia de curiosidade, desenrolei o papel e reparei que não era um mapa, mas sim uma frase que eu não conseguia ler, pois estava na língua dos humanos. De repente, lembrei-me que o Bartolomeu poderia saber traduzir a mensagem.

O Bartolomeu era uma gaivota já perto dos 31 anos (que corresponde a mais ou menos 70 em idade humana). Reconhecido entre as gaivotas pela sua sabedoria, ele vivia no farol do Bugio, com o Joaquim (um homem velho, com uma longa barba branca, que usava muitas vezes um gorro vermelho e tinha os olhos azuis como o céu). Bartolomeu vivia com o Joaquim desde que tinha 15 anos (o que corresponde a mais ou menos 30 anos de idade humana). Ele vivia com o Joaquim, pois já não tinha parte da asa esquerda e, por isso, não podia voar.

Quando pedi ao Bartolomeu para traduzir a frase, ele leu isto:

«Atrás de umas altas muralhas escondem-se animais não vistos, com penas com olhos desenhados. Eles dir-te-ão, se souberes ouvir, tudo o que precisares. Pergunta apenas pelas portas de Lisboa.»

Quando ouvi isto, não percebi imediatamente de que se tratava, mas depois, ao olhar para a cidade, vi o castelo. Agora só faltavam os animais, mas isso agora não interessava, eu só tinha de voar até ao castelo e conversar com os animais estranhos com olhos nas asas.

Ao chegar ao castelo, não vi nenhum animal com olhos nas penas, mas vi uns pequenos pássaros cinzentos e perguntei-lhes se conheciam os animais que procurava. Eles disseram-me que conheciam e levaram-me até eles.

Perguntei-lhes o que sabiam sobre as “portas de Lisboa”, mas a única resposta que consegui foi esta:

- Ahn, ahn, ahn!

CONCURSO LITERÁRIO FAZEDORES DE HISTÓRIAS

ESCALÃO B | MODALIDADE 2

Tentei lembrar-me o que dizia a mensagem da garrafa, «... eles dir-te-ão, se souberes ouvir, tudo o que precisares. Pergunta apenas pelas portas de Lisboa.»

Finalmente, percebi que os sons que eles emitiam eram na verdade palavras que me diziam isto:

«Vai até ao cais e no lodo encontrarás aquilo que procuras saber!»

Rapidamente, fui até ao cais, mas não encontrei nada. Fiquei lá à espera algum tempo e a maré desceu. Surgiu algo na lama, um montículo. Quando me aproximei, comecei a desenterrar o monte, mas era demasiada lama, e o monte estava a dar lugar a uma alta coluna.

Não consegui desenterrar mais, por isso fui até ao farol e pedi ajuda ao Bartolomeu e ao Joaquim. Este último ligou às autoridades para que elas desenterrassem as colunas de pedra. O mérito foi-me todo atribuído, mas mesmo assim ainda há uma pergunta na minha cabeça: «Quem terá escrito a mensagem da garrafa?»

Eu e os meus amigos gostamos de pousar nas colunas, e é exatamente aqui, no cais das colunas, que eu estou.

Lia Martínez, 7.º 1.ª



O Tejo, Abel Manta

ESCALÃO C | MODALIDADE 2

A grande tempestade no horizonte

O Porto era cheio de vida. Marinheiros apressavam-se de um lado para o outro, ajustando velas, carregando barris e preparando os barcos para novas viagens. O cheiro do sal impregnava o ar, misturado ao som das gaivotas e do estalo da madeira dos navios que balançavam suavemente sobre as águas agitadas.

Maria, de pé na beira do cais, observava tudo com os seus olhos a brilhar de tão entusiasmada que estava. Desde pequena sonhava em navegar pelos oceanos, explorar o desconhecido e enfrentar desafios que apenas os verdadeiros aventureiros ousavam encarar. Ela apertou o punho, sentindo o coração a acelerar. Esse dia finalmente havia chegado.

Ao seu lado, Lucas, um navegador experiente, conferia os últimos preparativos de sua embarcação. Era um homem que via o mar não como um inimigo, mas sim como um mestre que ensinava por meio de suas tempestades e calmarias.

-Tem certeza de que quer vir? -perguntou Lucas, sem desviar os olhos de nós que atava nas cordas.

- Nunca estive tão certa de algo na minha vida. -respondeu, Maria, determinada.

No entanto, Joaquim seu avô, não compartilhava desse entusiasmo. Sentado em um velho caixote, com um cachimbo entre os dedos enrugados, observava a neta com uma expressão cautelosa.

-O horizonte não mente, minha menina. -Disse o avô, apontando para as nuvens distantes, que se acumulavam em tons de cinza.

-Há uma tempestade se formando. -Disse o avô.

Maria revirou os olhos.

-Você sempre diz isso, vovô

-Porque sempre há uma tempestade, mais cedo ou mais tarde. -Rebateu o avô com seu olhar penetrante carregado de experiência.

-O mar é traiçoeiro, Maria. Nunca subestimes as ondas do mar.

Lucas sorriu levemente.

-Todas as tempestades trazem oportunidades. Apenas aqueles dispostos a enfrentá-la descobrem o que há além dela. -Disse Lucas.

Maria gostou dessa ideia. Para ela, o perigo não era algo a ser evitado, mas um desafio a ser superado. E com isso, subiu a bordo do barco, sem saber que, em breve, o mar, testaria a sua coragem de um jeito que ela jamais esqueceria.

A viagem começou tranquila. O vento soprava forte, impulsionando a embarcação sobre as águas. Maria sentia a adrenalina a percorrer pelo seu corpo enquanto observava o infinito azul do mar a seu redor..

Mas logo o céu começou a mudar. O sol desapareceu por trás das nuvens escuras que se espalhavam sobre o mar. O vento antes amigo, tornou-se um sussurro ameaçador.

-A tempestade está a chegar. -Avisou Lucas, enquanto ajustava as velas.

CONCURSO LITERÁRIO FAZEDORES DE HISTÓRIAS

ESCALÃO C | MODALIDADE 2

Maria engoliu a seco, sentindo o barco a começar a balançar mais violentamente. O primeiro trovão fez um grande estrondo, seguido por um relâmpago que cortou o céu em um clarão assustador. Então a chuva começou.

No início, eram apenas gotas pesadas, mas logo se tornou em um dilúvio impiedoso. O mar se revoltou, levantando ondas gigantes que ameaçavam engolir o barco a qualquer momento.

-Segure-se. -Gritou Lucas.

Maria obedeceu, agarrando- se á borda enquanto o barco subia e descia nas ondas como um brinquedo frágil nas mãos da natureza. O vento chicoteava seu rosto, e a água salgada cegava seus olhos.

O barco foi lançado para o lado, e Maria perdeu o equilíbrio, escorregando pelo chão molhado. Sentiu um desespero frio tomar conta do seu peito quando percebeu que poderia ser jogada ao mar. Mas, no último instante, uma mão firme segurou seu braço.

Era Lucas.

Com um puxão forte, ele a trouxe de volta em segurança.

-Nunca soltes a embarcação! -gritou ele com os olhos carregados de culpa.

Maria pela primeira vez sentiu medo da verdade. O mar não era apenas uma aventura emocionante, era uma força implacável, que poderia destruí-los sem hesitação.

E então, como num passe de magia, a tempestade começou a ceder.

O céu, antes tomado pela escuridão, começou a abrir. Pequenos raios de sol perfuraram as nuvens, tingindo o oceano com um brilho dourado. As ondas ainda balançavam o barco, mas já não eram tão ameaçadoras.

Maria respirou fundo, tentando acalmar o coração acelerado. Seus músculos estavam exaustos, suas mãos tremiam, mas no fundo, ela sentia algo diferente.

-Eu subestimei o mar, achei que era só uma aventura, mas é muito mais que isso. -disse Maria

-O mar ensina lições que ninguém pode ensinar em terra firme. -disse Lucas.

Quando finalmente retornaram ao porto, Joaquim os esperava. Seus olhos experientes pousaram sobre a neta, analisando-a com um olhar profundo.

-Então? - perguntou o avô.

-Você estava certo, vovô, o mar não pode ser subestimado. -Disse Maria.

O velho marinheiro soltou uma risada curta.

-Aprender isso sem perder a vida já é um grande feito.

Maria olhou para Lucas e depois para o oceano. Sim, ela ainda ansiava por novas aventuras, mas agora, enfrentaria o desconhecido com respeito e humildade.

E assim, a jovem sonhadora, o navegador destemido e o velho contador de histórias compartilhavam um momento que ficaria marcado para sempre. A lembrança de uma tempestade que não apenas testou suas forças, mas os ensinou sobre coragem, respeito e a verdadeira natureza do mar.

Ariana Santos, 10.º LH1

ESCALÃO C | MODALIDADE 2

Ex-aequo

O mistério do lago escondido

Na velha quinta das rosas havia um lago tranquilo, coberto de nenúfares coloridos que pareciam flutuar como pequenos barcos de seda. Era ali que Inês, Rafael e Sofia passavam os dias de verão, sempre à procura de aventuras e segredos.

Naquela manhã, enquanto observavam o lago, Inês reparou que uma das flores se mexia, mesmo sem vento. Curiosa, aproximou-se e, de repente, uma pequena rã saltou para uma folha e falou: – Estava à vossa espera! O meu nome é Luz e sou a guardiã deste lago. Aqui existe um segredo, mas só quem souber proteger a natureza poderá saber.

Surpreendidos, os três amigos ouviram atentos. Luz explicou-lhes que o lago escondia um portal mágico, guardado pelas ninfas. Para o abrir, teriam de atravessar a floresta sem causar qualquer dano, e com isso ajudar os animais e cuidar das plantas.

Determinado, o grupo partiu. Na floresta, recolheram lixo, salvaram um passarinho preso numa armadilha e ajudaram um ouriço a



Nenúfares, Claude Monet

CONCURSO LITERÁRIO FAZEDORES DE HISTÓRIAS

ESCALÃO C | MODALIDADE 2

Ex-aequo

atravessar o caminho. Quando regressaram ao lago, Luz apareceu novamente e sorriu: – Conseguiram! A verdadeira magia está em protegerem este lugar. A partir de hoje, são os novos guardiões do lago Escondido.

Inês, Rafael e Sofia olharam para o lago, orgulhosos. Sabiam que aquele verão ficaria para sempre na memória.

Depois de terem conseguido, sem hesitar partiram. Pelo caminho, ajudaram um pássaro com a asa presa num galho, limparam o lixo deixado por caçadores e salvaram um pequeno veado que se perdera da mãe. A floresta parecia ganhar vida com cada gesto bondoso que faziam – as folhas brilhavam e o vento soprava suavemente, como se agradecesse.

Quando chegaram ao coração da floresta, encontraram uma clareira iluminada por uma luz dourada. No centro, estava uma velha fonte de pedra, coberta de musgo e rodeada de flores que nunca tinham visto antes. De dentro da fonte, surgiu uma figura brilhante – uma mulher com cabelos de água e olhos como o céu ao amanhecer.

– Eu sou a Espírito da floresta – disse com voz serena. – Provaram ser dignos. Só quem respeita a natureza consegue chegar até aqui. Agora podem ativar o feitiço das Ninfas e proteger o lago da tempestade.

Inês deu um passo em frente e perguntou: – O que temos de fazer?

O Espírito explicou que deviam repetir as palavras antigas, gravadas numa pedra ao lado da fonte, e tinham de entregar algo que representasse o amor pela natureza. Sem hesitar, Sofia tirou do bolso uma pequena flor que tinha apanhado em criança e guardado desde então – uma recordação das primeiras férias naquela quinta. Rafael leu o que estava escrito com voz firme: – "Pela força da terra, da água e do vento, protegeremos este lugar sagrado".

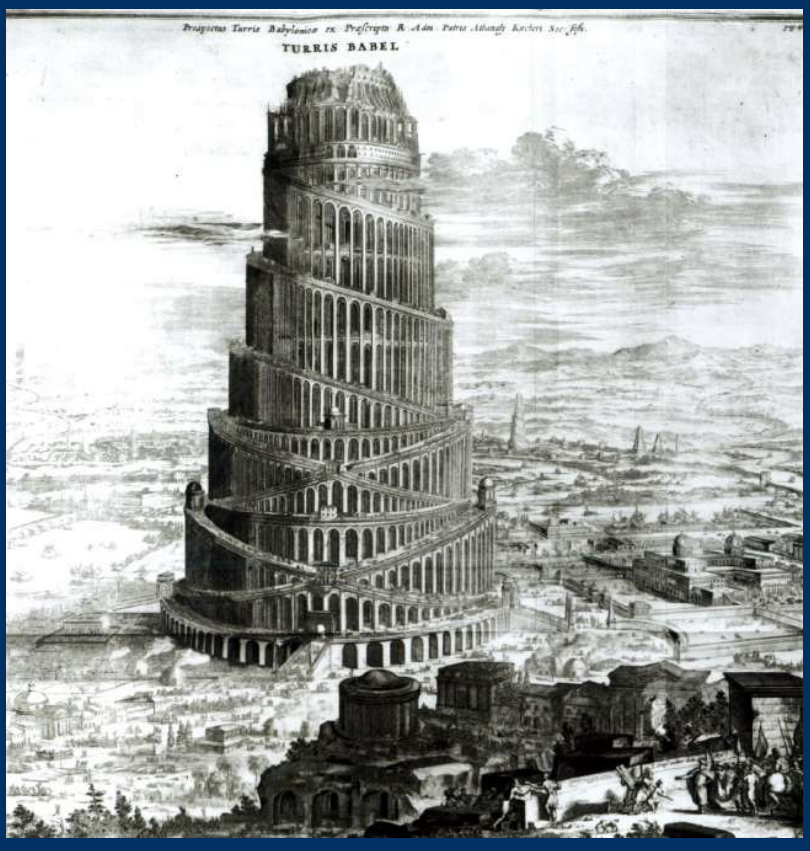
De repente, o céu começou a clarear e um raio de sol atravessou as nuvens. A tempestade que vinha do Oriente dissipou-se antes de chegar ao lago.

O Espírito da Floresta sorriu: – Cumpriram o vosso destino. O lago e as Ninfas estão a salvo. A partir de hoje, são os guardiões deste lugar.

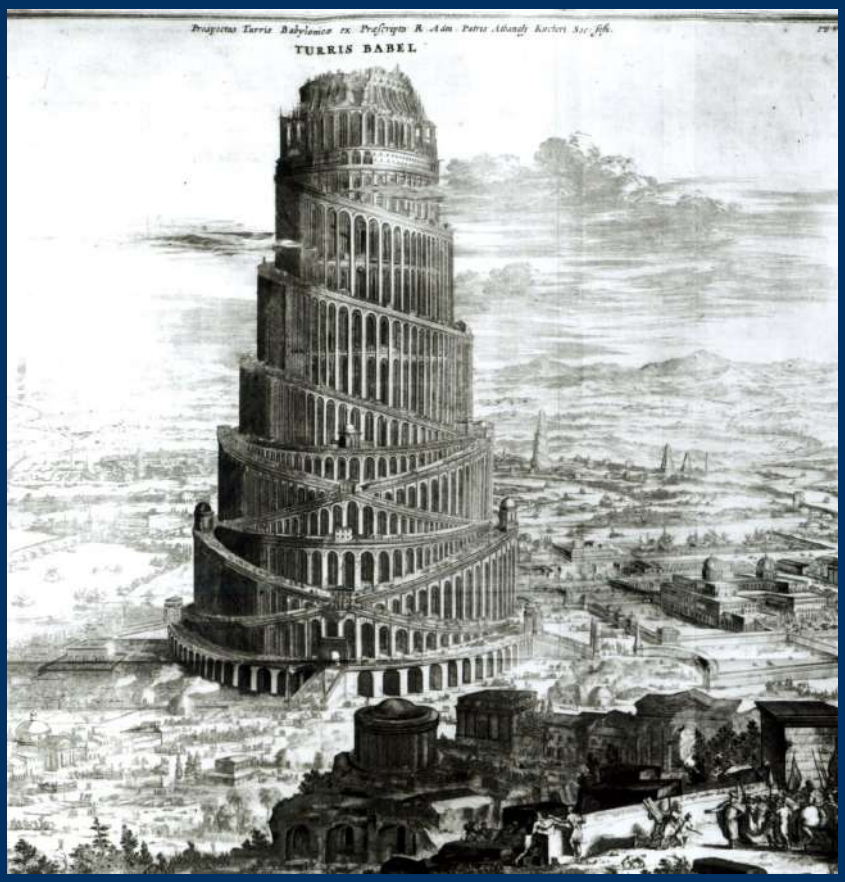
Inês, Rafael e Sofia regressaram à Quinta das Rosas com o coração cheio de orgulho e uma promessa: nunca deixar aquele paraíso ser destruído por nada nem ninguém.

E assim, o verão terminou com o lago mais brilhante que nunca – e o segredo das Ninfas guardado para que não caia nas mãos erradas, mas que fique guardado o segredo nas mãos de quem sabe cuidar.

Inês Duarte dos Santos, 10.º LH1



Torre de Babel, 1679, Athanasius Kircher



Torre de Babel, 1679, Athanasius Kircher

A correção linguística e a revisão dos textos produzidos pelos alunos são da inteira responsabilidade dos respetivos professores.

BABEL - Publicação Plurilingue do Departamento Curricular de Línguas - Número 22

FICHA TÉCNICA

CONCEÇÃO | EDIÇÃO | ARRANJO GRÁFICO: Maria João Queiroga

SELEÇÃO DE IMAGENS: Professores e alunos que colaboraram neste número

COLABORARAM NESTE NÚMERO:

PROFESSORES - Alexandra Caetano, Carla Alves, Inácia Pereira, Inês Veríssimo, Maria João Queiroga, Nuno Soares, Rita Anjos, Sandra Mendo, Susana Coelho, Verónica Ministro

ALUNOS - Aarju Khatri, Afonso Adrião, Ana Rita Ferreira, André Mendes, André Osas, André Tavares, Anna Pallini Jürgens, Ariana Luís, Ariana Santos, Carolina Nunes, Carolina Pereira, Clara Santos, Clarisse Vieira, Constança Bento, Diogo Ferreira, Duarte Coutinho, Frederico Rodrigues, Inês Duarte dos Santos, Isaque Martins, João Calçada, João Pamplona, José Hipólito, Júlia Bastos, Júlio de Melo, Laura Esteves, Leonor Carvalho, Leonor Sousa, Lia Martínez, Luiza Xavier, Mafalda Gouveia, Maria Inês Dias, Maria Rita Costa, Maria Pedro, Mariana Carvalho, Mariana Guerreiro, Martim Sá, Martim Santos, Martim Trindade, Mia Melo, Mónica Gil, Núria Filipa, Pedro Gracias, Rafael de Oliveira, Ricardo Moreira, Rodrigo Amorim, Simardeep Singh, Sofia Soares, Violeta Pereira, Xavier Cardoso, Yolanda de Oliveira, Zahira Sanchez, Alunos do 12.º GI, Alunos do 12.º TT, Alunos do 12.º TD

PUBLICAÇÃO ON-LINE: https://www.aegv.site

PROPRIEDADE: Escola Gil Vicente | Agrupamento de Escolas Gil Vicente Rua da Verónica, 37 - 1170-384 LISBOA Tel. 21 886 00 41

Fax: 21 886 88 80 E - mail: direcao@aegv.pt Web: https://www.aegv.site